e-fabulations

e-journal of children's literature

Revista electrónica de literatura infantil

Edited by Filomena Vasconcelos

FLUP Departamento de Estudos Anglo-Americanos Nº 7 / 12.2010

Ficha técnica :

Title/ título: e-fabulations/ e-fabulações. E-journal of children's literature/ Revista electrónica de literatura infantil.

Editor/ organizador: Filomena Vasconcelos

Editorial board/ Comissão editorial: Filomena Vasconcelos / Maria João Pires

Editorial Assistants/ Assistentes editoriais: Ana Teresa Magalhães (FLUP) / Cláudia Morais (FLUP)

Editorial Assistant for English Language Texts / Assistente Editorial para Textos em Inglês: Abbye Meyer (Univ. Connecticut, USA)

Periodicity/ Periodicidade: semestral

Nº 7 – Dezembro de 2010

Publicação da Biblioteca Digital da FLUP

Local: Porto

ISSN: 1646-8880

Capa: Filomena Vasconcelos sobre ilustração de Evelina Oliveira

Arranjo Técnico: Filipe Alves

e-f@bulations / e-f@bulações – journal of Children's Literature
Revista Electrónica de Literatura Infantil

e-f@bulations/ e-f@bulações is a refereed international e-journal of scholarly research in the field of literature for childhood and youth. It is published in English and Portuguese twice a year (Spring-Summer and Autumn-Winter) as part of the Digital Library of the *Faculdade de Letras da Universidade do Porto*(FLUP), Portugal, with ISSN: **1646-8880**.

Hosted by the Department of Anglo-American Studies (DEAA) of FLUP, the journal aims at providing a space for the publication of studies on a wide spectrum of topics related to literary themes on childhood and youth, in a broad variety of genres, from the most traditional and conventional ones to memories, journals and comics. Comparative approaches between literature, cinema, cartoon animation and the visual arts (e.g. in book illustration or other) are also contemplated.

In its interdisciplinary design the journal therefore welcomes contributions on all subjects within the general literary and cultural field of childhood and youth, from any country, culture or civilization, any historical period, as well as from any individual or collective experience.

e-f@bulations/ e-f@abulações is a pluralist publication with no ideological affiliation and open to proposals and perspectives from all research methodologies.

Prior to publication, all contributions are to be submitted to the Editorial Committee of the journal for peer-reviewing, and are assumed to be unpaid. It is furthermore understood that authors submit only original articles which are not at the same time being submitted to other journals.

The Editorial Committee reserves also the right to invite distinguished scholars to contribute to the journal.

Each issue comprises two main sections (though exceptions may occur):

1- Critical essays on the thematic areas above described;

2- Creative writings for children or youths – e.g. short narratives, plays, poems, comics or others. These texts should be all original and not previously published, whether in printed or digital form.

Editor: Filomena Vasconcelos

Editorial Committee: Filomena Vasconcelos /Maria João Pires

Editorial assistants: Ana Teresa Magalhães, Cláudia Morais

Editorial Assistant for English Language Texts: Abbye Meyer

Table of Contents

Short Film

Curta Metragem

The Marriage of Venus and Mars

Francisco Carinhas Vasconcelos

Pedro Carinhas Vasconcelos

Essays

Ensaios

"Sobre Nós, Uma Abóbada Estrelada": Breves Citações de Astronomia na Literatura

Maria Luisa Malato

Make them think! Using literature in the primary English language classroom to develop critical thinking skills.

Maria Ellison

FLC - For the Loveliest Children: a book selection

Ana Teresa Magalhães

Cláudia Morais

Stories for Children

Contos para crianças

Firmament

Firmamento

Carlos Oliveira

Um Homem Caminha Devagar

Isabel Pereira Leite

Fotografia de Rogério Sousa

O Deus Cor-de-sol

Filomena Vasconcelos

Ilustração de Filomena Vasconcelos

Carta do Sol para a Lua

Sara Bessa Monteiro de Vasconcelos

Editorial Committee/Comissão Editorial

Authors / Autores

Expositions / Exposições
Essays & Texts/ Ensaios & Textos
Stories for Children / Contos para crianças
Illustrations / Ilustrações
Photos / Fotografia

Essays

Ensaios

"SOBRE NÓS, UMA ABÓBADA ESTRELADA": BREVES CITAÇÕES DE ASTRONOMIA NA LITERATURA*

Maria Luísa Malato Borralho

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa

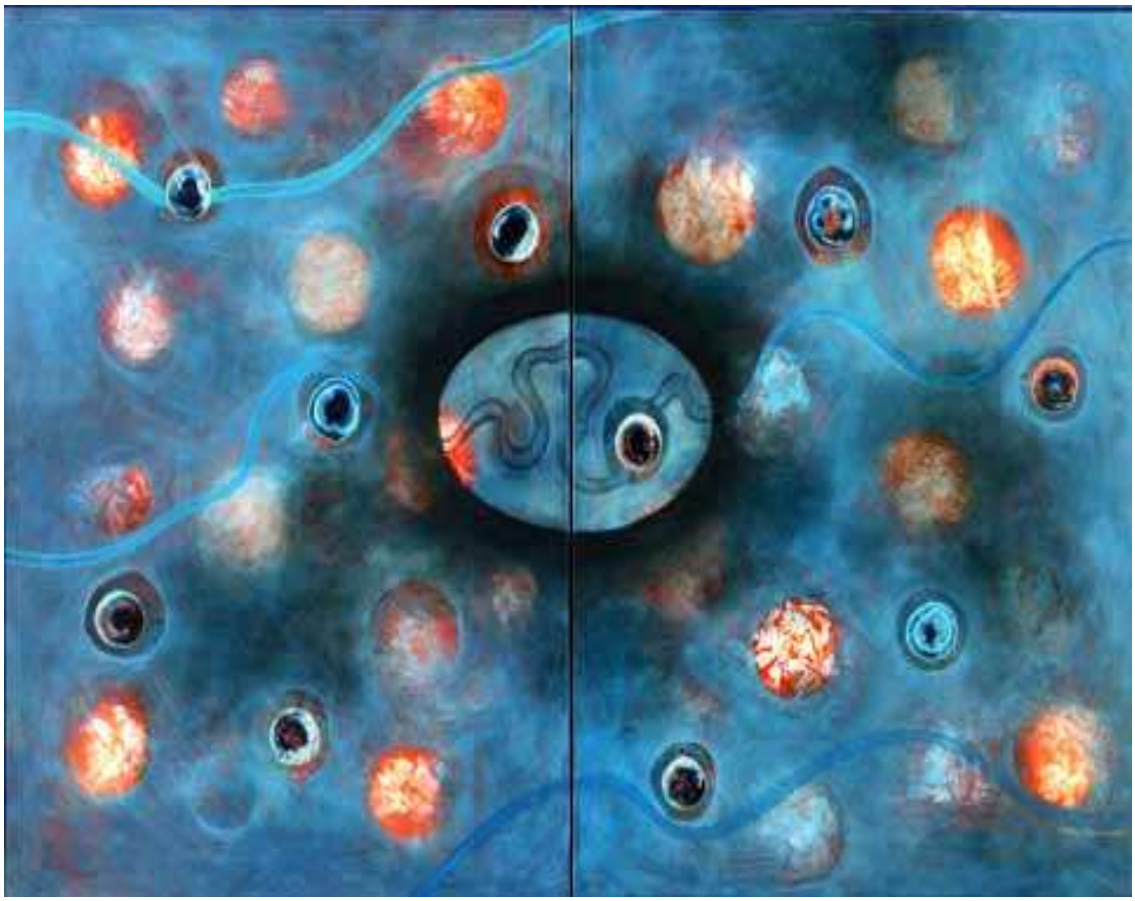
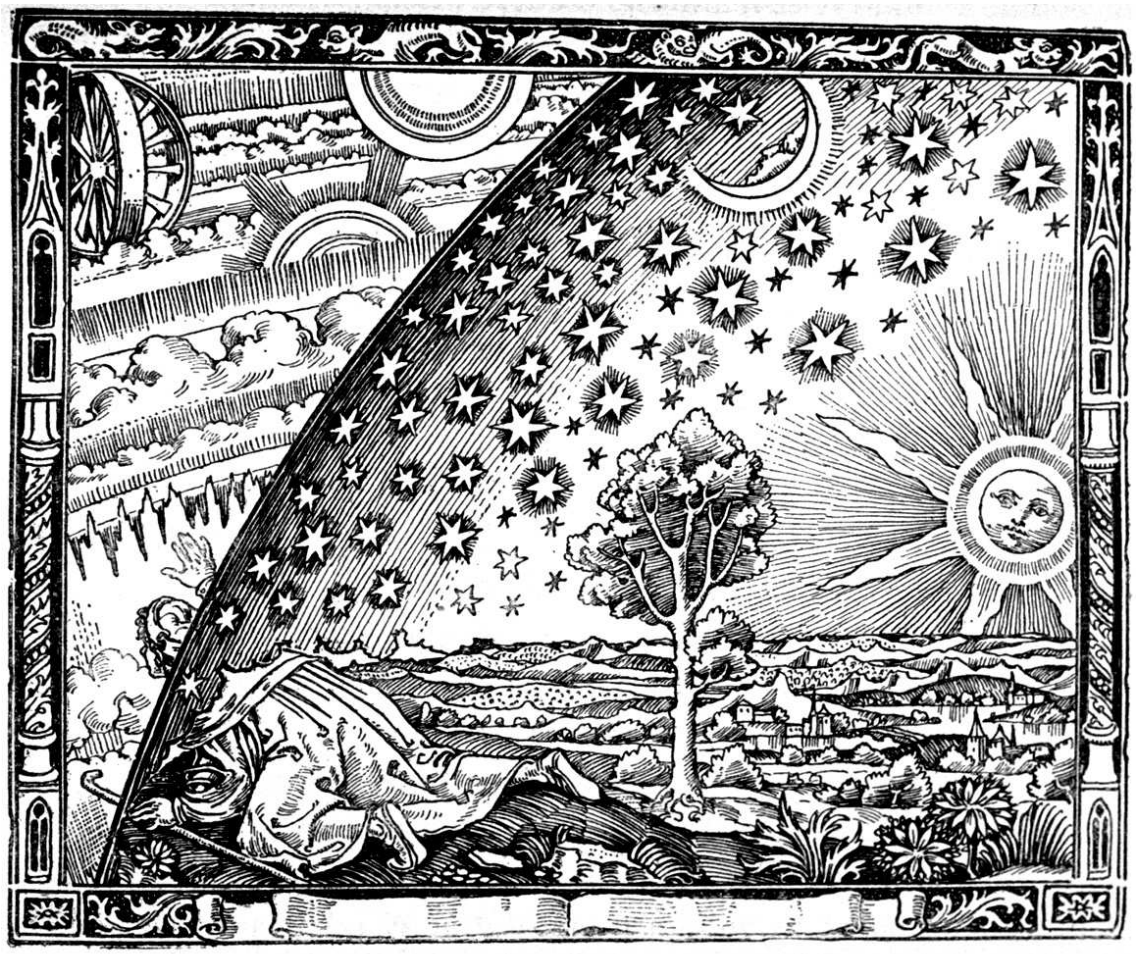


Ilustração de Evelina Oliveira "Uni-versus"

*A investigação integra-se no Projecto "Utopias Literárias e Pensamento Utópico", financiado pela FCT (POCTI/ELT/46201/2002) e sedeado no Instituto de Literatura Comparada Magarida Losa (FLUP)

Universum: um único verso. O mundo representado como sulco, direcção, caminho. O conhecimento começa linearmente, nos passos que sucessivamente damos, um atrás do outro, para além de nós. E o mistério reside naquilo que não nos parece caminho suficiente. «Un missionnaire du moyen âge raconte qu'il avait trouvé le point où le ciel et la terre se touchent… ».



Un missionnaire du moyen âge raconte qu'il avait trouvé le point où le ciel et la Terre se touchent...

A gravura em madeira é a que se encontra numa obra de Camille Flammarion, *L'atmosphère. Météorologie populaire*, de 1888: um homem imagina o ponto em que se tocam o céu e a terra, o momento em que o mecanismo do mundo lhe surge tão nítido quanto a bengala que o sustentou para ali ter chegado. E certamente o próprio Flammarion se sentiria assim bem retratado, entre a terra e o céu, a realidade e a ficção, a Astronomia e a Literatura. Sob uma abóbada estrelada, o homem sente-se

sempre pequena traça a que o mundo promete, pelo menos, a aventura e ventura de ser vasto.

Citações sobre citações. Obras que falam de outras obras. Umas a seguir às outras. Anões sobre os ombros de anões ou de gigantes. Personagens e textos que se sobrepõem, como se entre eles construíssem uma arrevesada escada de Jacob, para estudar o firmamento de mais perto e compreender a terra de mais longe.

> "Il est impossible de considérer froidement cette réalité sans être frappé de l'étonnante et inexplicable illusion dans laquelle sommeille la majeure partie de l'humanité. Voilà un petit globe qui tourbillonne dans le vide infini; autour de ce globule végètent 1400 millions de mites raisonneuses, sans savoir ni d'où elles viennent ni où elles vont, chacune d'elles, d'ailleurs, ne naissant que pour mourir assez vite ; et cette pauvre humanité a résolu le problème, non de vivre heureuse dans le soleil de la nature, mais de souffrir constamment par le corps et par l'esprit. Elle ne sort pas de son ignorance native, ne s'élève pas aux jouissances intellectuelles de l'art et de la science, et se tourmente perpétuellement d'ambitions chimériques. Etrange organisation sociale!» (Flammarion, 1880 : 15).

As Utopias não andarão longe. As impossíveis como as prováveis:

> « Lorsque les hommes sauront ce que c'est que la terre, et connaitront la modeste situation de leur planète dans l'infini ; lorsqu'ils apprécieront mieux la grandeur et la beauté de la nature ; ils ne seront pas aussi fous, aussi matériels d'une part, aussi crédules d'autre part ; mais ils vivront en paix, dans l'étude féconde du Vrai, dans la contemplation du Beau, dans la pratique du Bien, dans le développement progressif de la raison, dans le noble exercice des facultés supérieures de l'intelligence» (Flammarion, 1880 : 15).

1."Ócio e Negócio". O fenício Tales de Mileto, talvez o primeiro homem a merecer-nos o nome de filósofo, buscou sistematicamente uma legibilidade para a diversidade do universo. Foi também o primeiro a explicar o eclipse do Sol, observando a Lua. E assim teria previsto o momento em que o Sol de novo desapareceria, em 585 a.C., tornando injustificáveis os terrores de quem se sente imerso nas trevas. Não chegaram até nós textos seus, mas muitos escreveram sobre eles. Contam que, um dia, quando caminhava olhando o céu, caiu desamparado. E por isso foi considerado "lunático". Coisas de quem não sabia que o mundo é mais do que o sítio em que colocamos os pés e vai, pelo menos, até onde chegam os olhos.

Como separar a utilidade da especulação? Parece que Tales ganhava a vida com os seus conhecimentos meteorológicos. Era capaz de prever os períodos de chuva e de seca. Tendo calculado, com um ano de antecedência, uma extraordinária produção de azeitonas, adquiriu grande parte das prensas de azeite, que alugou por bom preço na altura das colheitas, fazendo então parte da sua fortuna. O que não quer dizer grande coisa, a não ser que o que ignoramos nos torna facilmente vítimas e o conhecimento, ainda que não leve sempre à fortuna, nos dá sempre uma forma de domínio sobre a causa das coisas e o seu efeito. Plutarco conclui que Tales, como Sólon, Protus, Hipócrates e Platão, com sabedoria puseram a fortuna ao serviço da ciência, pois da mesma forma que o bom cidadão não se entrega à superficialidade, se deve aproveitar do que é conveniente para a ela poder fugir (Plutarch, 1831: 59).

2. “Tal como os atletas necessitam de repouso e não só de exercício, também aqueles que se entregam ao trabalho do espírito se devem entregar à relaxação para voltarem com mais vitalidade ao estudo”. Assim começa a *História Verdadeira* de Luciano de Samosata, escrita cerca de 200 d. C., talvez a primeira obra de Literatura que retrata o espaço das estrelas como espaço social e intelectual. De estrela em estrela navegamos, como de ilha em ilha. Movemo-nos entre micro-comunidades, entre perspectivas. Sempre limitados e empurrados por ventos e marés que tentamos controlar. Na *História Verdadeira*, as estrelas são ilhas flutuantes e brilhantes, sendo uma delas a Lua, “uma Ilha redonda e brilhante, suspensa no ar”, e outra o Sol, vivendo até então os habitantes dos dois astros em histórico conflito. Um estado volátil é o mais próprio para classificar a existência lunar: os seres nascem como cachos, e como plantas respiram. As crianças nascem mortas e começam a viver quando são dadas à luz. A alimentação consiste na aspiração do fumo de rãs assadas sob carvão, não originando por isso fezes. Os velhos não morrem, esfumam-se por fim. Uma sublimação adocicada da morte liberta-os da dor e do sofrimento intelectual, ainda que não na diferença entre ricos e pobres. Na Lua havia um poço que, não sendo muito fundo, permitia a quem o descesse ouvir todas as conversas do mundo. E por cima dele um espelho onde, para quem elevasse os olhos, se abriam todas os factos momentâneos. O que a Lua afinal pode ensinar é uma pluralidade de perspectivas de que é feita a totalidade do mundo:

“Temo que não me creiam se vos falar de como são os seus olhos, porque tal facto ultrapassa toda a vossa crença. Podem tirar-se os olhos, tal como se fossem

óculos e vários conheci que, tendo perdido os próprios, usavam de empréstimo os olhos dos vizinhos; pois há quem deles faça um tesouro, já que é tido como mais rico aquele que mais olhos possui" (Samosate, 1990: 14-15).

3. "De como saber é ignorar". Este é o título do Livro I, Capítulo primeiro, do muito sábio livro sobre *A Douta Ignorância*, de Nicolau de Cusa, que muito amiúde refere a imagem dos astros e a perspectiva limitada que deles temos.

> "Afirmam os filósofos da natureza que uma certa sensação desagradável precede, à boca do estômago, o apetite, de tal maneira que a natureza, que se esforça por se conservar sã em si própria, assim se refaça, uma vez estimulada. Do mesmo modo julgo, com razão, que o admirar-se, causa do filosofar, precede o desejo de saber, para que o intelecto, cujo ser é entender, se realize no estudo da verdade. Com efeito, as coisas raras, ainda que monstruosas, costumam mover-nos" (Cusa, 2003: 1-2).

Aceitemos por isso o espanto e o seu incómodo. Aquela sensação de desconforto e tédio que nos faz procurar alimentos mais substanciais e até, desprezar o que é dado e é fácil. Não se ensina o espírito crítico, que nasce somente da necessidade de ponderar e hierarquizar factos e interpretações de factos. Da mesma forma que não se conhece e reconhece a liberdade que sem esforço nos vem parar às mãos. Perante a imensidão do universo e a imaginação da infinitude matemática, perante a possibilidade Daquele uno absoluto a que chamamos Deus, o ser "que habita sozinho a luz inacessível" (*Ibidem*: 5-6), tanto devemos considerar que a pluralidade é a única garantia da unidade como devemos aceitar que a verdade precisa é incompreensível: "medida e medido, por mais iguais que sejam, permanecem sempre diferentes", podendo haver sempre domínios que ultrapassam o contido. "E quanto mais profundamente doutos formos nesta ignorância, tanto mais nos aproximaremos da própria verdade". Até porque tudo permanentemente se move, conjunto infinito de pontos em expansão.

> "Ainda que estas coisas te sirvam para uma infinidade de casos, no entanto, se te transferes para a astronomia, apercebes-te de que a arte de calcular carece de precisão […]. E como não há dois lugares que concordem com precisão no tempo e no espaço, é evidente que os juízos acerca dos astros estão longe de ser precisos na sua especificidade"(*Ibidem*: 8 e 66).

4. “Antevi um lugar, onde eu poderia ter adormecido e sonhado…”, escreveu Kepler nas Notas a *Somnium* (Kepler, 2003: 30). A estranheza é sempre um ponto de partida que se pode apresentar como espaço de partida. Em 1593, Kepler respondera a um exercício escolar proposto aos alunos da Universidade de Tübingen: “Como poderiam ser descritos os fenómenos celestes a partir da perspectiva de um observador situado na superfície lunar?”. *Somnium,* é uma sobreposição de visões “ingénuas”, ou “irónicas”, já que a sua argumentação não se constrói a partir da afirmação explícita, mas antes através de uma retórica “socrática”, baseada na suposição da explicação dos factos científicos e tendo como ponto de partida a ignorância do investigador. O autor apresenta a visão da Lua como o sonho de um discípulo de Tycho Brahe, mas estudante ainda. Kepler juntou-lhe depois uma segunda ingenuidade: um argumento especular, indirecto. Se para um observador que se situasse na Lua era compreensível mas errónea a ausência de percepção do movimento lunar, seria igualmente natural e errónea a não percepção do movimento da Terra para um observador que se situasse na Terra. Com efeito, o observador da Lua, *in praesentia*, negando o evidente movimente da Lua, mostrava-se tão ignorante quanto o observador na Terra, *in absentia*. A tese era cientificamente ousada e teologicamente provocadora. Veit Müller, professor encarregado em Tübingen de coordenar os trabalhos apresentados, era um acérrimo crítico do sistema copérnico e nunca parece ter permitido a sua apresentação. Edward Rosen realçará o facto de só ter sido editada em 1634, depois da morte de Kepler (em 1630), e ainda a circunstância de muito raramente ter sido reeditada. A 31 de Dezembro de 1631, Giovanni Pieroni escreveria a Galileu sobre a eminente edição do manuscrito de Kepler, obra que a todos os títulos lhe parecia (ainda a ele, que conhecia o autor) “estranha e bizarra” (*Ibidem*: xiii). E, no entanto, quanto mais Kepler ia sistematizando as suas investigações mais espantosas lhe pareciam as semelhanças do seu livro com as estratégias literárias. A Literatura é uma terceira camada “inocente”. O estatuto literário permitia a ambiguidade entre a realidade e a fantasia. Nas notas que 20 anos depois vai escrevendo para acompanhar o texto de juventude, Kepler aproxima-o dos géneros do “Sonho” e da “Ficção da Verdade”, referindo a influência do “Sonho de Cipião”, de Cícero, da *História Verdadeira*, de Luciano de Samosata, ou “A Face da Lua” (integrada nas *Obras Morais* de Plutarco, cuja tradução acompanharia a edição de *Somnium*). Johann Von Breitschwert, em 1831, classificará *Somnium* como uma Sátira (cf. nota 56, de Kepler, *apud* Rosen, in *Ibidem*: xxiii). O cientista aproxima-se do literato e imita através dele a “irresponsabilidade” e “verdade” da criança, do sonhador e do filósofo que aprecia o silêncio dos seus demónios: o Rei vai Nu.

5. “Enfin, ajouta-t-il, le peuple de votre Terre devint si stupide et si grossier, que nos compagnons et moi perdîmes tout le plaisir que nous avions autrefois appris à instruire ». Assim falava a Cyrano o Demónio de Sócrates, agora refugiado na Lua (Bergerac, 1990: 294). Um sentimento de exílio depressa se instala quando um homem se faz pássaro ou quando se perde no firmamento. O ar não é o seu mundo, mas a terra tornou-se um espaço impossível, doentio. O protagonista da *História Cómica dos Estados e Impérios* (1657), de Cyrano de Bergerac, pese embora o fervor científico, confunde o entusiasmo da viagem com uma febre alta. Os terrestres o crêem embriagado. No seu regresso, a mesma personagem afirma ter de ficar várias horas ao Sol para perder o cheiro persistente a Lua, que tornava ainda mais desconfiados os seus conterrâneos e levava os cães a uivar-lhe (*Ibidem*: 359). Na Lua se encontra, não só o Demónio de Sócrates, mas também um espanhol, Domingo Gonzalez, personagem de um livro publicado em 1638, em Inglaterra, por Francis Godwin, ainda que Godwin o tenha atribuído afinal à sua personagem: *The Man in the Moone; or, A Discourse of a Voyage Thither, by Domingo Gonsales.* Na Lua, Bergerac, autor-personagem, conversa com Gonsales, personagem-autor, sobre as provas científicas do vácuo: e a Literatura legitima a ousadia científica da Astronomia. Esse exílio, essa febre do êxtase, esse espaço imaginário, são a única forma de perder o centro comum, comunitário, e ortodoxo. Para que um outro centro, o heterodoxo, se imponha.

> “Et de même que l’oignon conserve à l’abri de cent écorces qui l’environnent le précieux germe où dix millions d’autres ont à puiser leur essence […] dont le pépin plus chaud que les autres est le soleil” (*Ibidem* : 291).

Todo o sistema planetário gira à volta do astro mais quente e maior, dele se aproximando como camadas envolventes de uma gigantesca cebola. O sistema copérnico, as explicações de Gassendi, tornam-se aqui catacreses, associações denotativas e referenciais. Mas também metáforas, leituras conotativas da necessária humildade dos homens ou crítica ao seu ridículo orgulho. Os habitantes da Lua, tal como são descritos por Bergerac, alimentam-se de fumo, como os que descreve Luciano de Samosata. Não comem carne, porque para tal teriam de matar animais seus semelhantes. Os próprios legumes devem morrer primeiro de morte natural. Bergerac (o nome do autor é o nome da personagem) é exposto como um pássaro, ou

tratado como um macaco, da mesma forma que, na Terra, exibimos bichos domésticos ou exóticos. A narrativa torna-se um conto filosófico quando pela intriga se demonstra a relatividade de todas as proporções e distâncias. E o homem se torna uma entre muitas outras criaturas, perdendo a sua soberania quando a Terra perde o centro do Firmamento:

> "Quoi! Parce que le soleil compasse nos jours et nos années, est-ce à dire pour cela qu'il n'ait été construit qu'afin que nous ne frappions pas de la tête contre les murs ? Non, non, si ce Dieu visible éclaire l'homme, c'est par accident, comme le flambeau du roi éclaire par accident au crocheteur qui passe par la rue » (*Ibidem* : 292).

6. « La Lune était levée, il y avait peut-être une heure, et ses rayons qui ne venaient à nous qu'entre les branches et les arbres, faisaient un agréable mélange d'un blanc fort vif, avec tout ce vert qui paraissait noir.[…] – Ne trouvez-vous pas, lui dis-je, que le jour même n'est pas si beau qu'une belle nuit ? – Oui, me répondit-elle, la beauté du jour est comme une beauté blonde qui a plus de brillant ; mais la beauté de la nuit est une beauté brune qui est plus touchante. – Vous êtes bien généreuse, repris-je, de donner cet avantage aux brunes, vous qui ne l'êtes pas. – […] Ce n'est rien que la beauté, répliqua-t-elle, si elle ne touche. Avouez que le jour ne vous eût jamais jeté dans une rêverie aussi douce que celle où je vous ai vu près de tomber toute à l'heure, à la vue de cette nuit. […] Le jour ne s'attire point leurs confidences ; d'où cela vient-il ? – C'est apparemment, répondis-je, qu'il n'inspire point je ne sais quoi de triste et de passionné. […] Peut-être aussi que le spectacle du jour est trop uniforme, ce n'est qu'un Soleil, et une voûte bleue, mais il se peut que la vue de toutes ces étoiles semées confusément, et disposées au hasard en mille figures différentes, favorise la rêverie, et un certain désordre de pensées où on ne tombe bien sans plaisir. – J'ai toujours senti ce que vous me dites, reprit-elle, j'aime les étoiles et je me plaindrais volontiers du Soleil qui nous les efface. – Ah, m'écriai-je, je ne puis lui pardonner de me faire perdre de vue tous ces mondes. – Qu'appelez-vous *tous ces mondes*, me dit-elle en me regardant et en se tournant vers moi. – Je vous demande pardon, répondis-je. Vous m'avez mis sur ma folie, et aussitôt mon imagination s'est échappée. – Quelle est donc cette folie ?, reprit-elle. – Hélas !, répliquai-je, je suis bien fâché qu'il faille vous l'avouer, je me suis mis dans la tête que chaque étoile pourrait bien être un monde» (Fontenelle, 1901: 19-22).

Que nos seja perdoada toda a citação longa que se justifica com a eficácia da imagem. Aquelas conversas solitárias sobre Copérnico, Plutarco, o sistema heliocêntrico e os muitos mundos habitáveis nas estrelas, têm a ambiguidade da luz que os envolve, entre a do Sol que desaparece e a da Lua que se torna visível. Ao cair da tarde, as deambulações fechadas nos jardins do solar vão aproximando, não só o narrador e a marquesa de G***, mas o decoro do dia da transgressão da noite; o diálogo académico do ritual sexual; entre a falsidade uniforme e a veracidade desregrada. Os *Entretiens sur la pluralité des mondes*, de Fontenelle, foram publicados em 1686, mas anteciparam o gosto generalizado do século XVIII pelas viagens no Firmamento. Todas estas questões sobre a Astronomia ganham um novo e vasto público, o feminino. Preparam, em certa medida, uma Astronomia ao gosto popular, de finais do século XIX (os livros de François Arago, de Camille Flammarion, ou até os romances didácticos de Júlio Verne). Desenvolvem então uma Retórica da Sedução, que pressupõe uma certa impaciência intelectual, uma apetência filosófica emotiva e já não só racional, algumas fragilidades de erudição também. A mulher é, para estes autores, um bom selvagem, ou uma criança que importa cativar. Os *Entretiens* são sucessivos diálogos, formas dramáticas em que alterna um homem solícito e uma mulher curiosa:

> « J'ai mis dans ces entretiens une femme que l'on instruit, et qui n'a jamais ouï parler de ces choses-là. J'ai cru que cette fiction me servirait, et à rendre l'ouvrage plus susceptible d'agrément, et à encourager les dames par l'exemple d'une femme, qui, ne sortant jamais des bornes d'une personne qui n'a nulle teinture des sciences, ne laisse pas d'entendre ce qu'on lui dit, et de ranger dans sa tête, sans confusion, les tourbillons et les mondes» (*Ibidem* : xi-xii).

7. Uma academia fantástica reúne « traças filosóficas » (Voltaire, 1980: VII, 123), oriundas da terra, e sábios do universo, viajantes. Micromégas, vindo de Sirius, pede a um académico de Saturno, recentemente chegado :

> « – […] commencez d'abord par me dire combien les hommes de votre globe ont de sens. – Nous en avons soixante et douze, dit l'académicien; et nous nous plaignons tous les jours du peu. Notre imagination va au-delà de nos besoins ; nous trouvons qu'avec nos soixante et douze sens, notre anneau, nos cinq lunes, nous sommes trop bornés […]. – Je le crois bien, dit Micromégas ; car dans notre globe nous avons près de mille sens, et il nous reste encore je ne sais quel plaisir vague, je ne sais quelle

> inquiétude, qui nous avertit sans cesse que nous sommes peu de chose, et qu'il y a des êtres beaucoup plus parfaits» (*Ibidem* : II, 107).

Voltaire, em *Micromégas*, de 1752, reproduz, entre extraterrestres, algumas das desproporções experimentadas por Gulliver, nas suas viagens, descritas por Swift (1726). Imaginar o firmamento habitado pondera, pela primeira vez, de uma forma sistemática, a influência que os sentidos têm na nossa forma de entender o mundo (valorizada pela filosofia empirista) e a sua necessária subordinação a uma razão lógica que tendencialmente as universaliza e uniformiza (perspectiva valorizada pela filosofia racionalista). A Astronomia é uma ciência que força essa ponderação, porque dependente da observação do movimento dos astros (a olho nu ou através de cada vez mais potentes telescópios que aproximam os nossos olhos do objecto), e porque cedo aprendeu a desconfiar dessa dependência, fiando-se nos cálculos matemáticos mais do que na percepção do simultâneo movimento do objecto e do sujeito: o habitante da Lua não sente a Lua mover-se, não se sente a cair do espaço e com a mesma evidência riposta o terrestre que todos os dias vê o Sol aparecer a Oriente e desaparecer a Ocidente, as estrelas da abóbada celeste traçarem as órbitas em redor do ponto em que ele, observador atento, se encontra, certo de que a Terra é plana e se mantém imóvel. Nada impedira Virgílio, não sendo autoridade científica, de dissertar sobre as abelhas, ainda que com menos rigor que M. de Réaumur, que as dissecara (Voltaire, 1980: VI, 120). E tal como a Astronomia é uma ciência que força a ponderação das ilusões do real, também a Literatura é uma arte que brinca com os sentidos e a razão, antecipando com a Reificação, a Personificação e a Fábula aquilo que a Ciência vê inviabilizada com a "realidade" taxionómica e observável, podendo ela dizer sobre a evolução das espécies o que Darwin ousará penosamente afirmar:

> "il y a partout des gens de bon sens qui savent prendre leur parti et remercier l'Auteur de la nature. Il a répandu sur cet univers une profusion de variétés, avec une espèce d'uniformité admirable » (*Ibidem*: II, 108-9).

8. Sob uma abóbada estrelada, se instala a diversidade. Com a referência a "Une voûte étoilée" se acaba o conto de Diderot, "Ceci n'est pas un Conte". Com a mesma abóbada se inicia "Madame de la Carlière". O Sol levanta-se e só vemos o Sol. A noite cai e só então vemos a imensidade das estrelas. A visão domina-nos, cala até os restantes sentidos aristotélicos: a audição, o paladar, o tacto, o olfacto, Imaginai

pois agora, como será sentir sem a possibilidade de ver. O desafio tinha sido lançado a Locke por Molyneux, especialista em Óptica: “Imaginai um cego de nascença, a quem tivesse sido ensinado a distinguir pelo tacto um cubo e um globo. Seria ele capaz de os distinguir sem lhes tocar, se, por efeito de uma operação aos olhos, tivesse oportunidade de os ver?” (cf. Locke, *Ensaio sobre o Entendimento Humano*, 1690, II, IX, §8). M. de Réaumur , o mesmo que dissecara as abelhas, estaria presente numa operação em França, para testar as várias respostas avançadas. Não tendo sido convidado, o narrador da *Lettre sur les aveugles à l’usage de ceux qui voient* (publicado por Diderot, em 1749) iria com os amigos falar com um cego de Puiseaux. Esperavam encontrar um ser humilde, ignorante e dependente. Encontraram um ser orgulhoso (a quem os sinais exteriores de poder e riqueza não podiam impressionar); um homem curioso (anormalmente atento aos pormenores do som, do tacto, dos perfumes); um homem autónomo (confiante na ordem dos objectos e na boa vontade dos que lhe eram próximos). Lamentam que não consiga definir a beleza, mas surpreendem-se por nela e noção de Beleza se encontrar sempre associada à Utilidade e à Amenidade e lamentam afinal que a eficácia do Belo seja um conceito tão esquecido pelos que a ela somente se devotam. Perguntaram-lhe se desejava um dia ter o dom de ver e dele saiu esta resposta fascinante, talvez porque intimamente lhe custasse não saber o que era o Firmamento e confiasse no mais objectivo dos sentidos, o tacto, o único sentido do sujeito que entra em contacto com o objecto:

> “Si la curiosité ne me dominait pas,,,, j’aimerais bien autant avoir de longs bras: il me semble que mes mains m’instruiraient mieux de ce qui se passe dans la Lune que vos yeux ou vos télescopes” (Diderot, 1980: 89).

A *Carta sobre os cegos* levaria Diderot à prisão de Vincennes: o texto tinha indeléveis alusões ao ateísmo do cego de Puiseaux, que, não vendo o Firmamento, não imaginava com nitidez o rosto de Deus. Diderot, privado de liberdade, prometeria aos que o prenderam entregar os papéis, os livreiros, e emendar caminho. E foi sobre a ordem do discurso que escreveu depois a *Carta sobre os surdos e os mudos para uso daqueles que ouvem e falam* (1751).

9. *Da Terra à Lua: Trajecto Directo em 97 horas e 20 minutos* (escrito por Júlio Verne em 1865, somente dois anos depois da sua estreia como novelista) não deve ser lido isoladamente: é o primeiro romance de uma trilogia que se iria concluir vinte e quatro anos depois, com *À Roda da Lua* (1869) e *Sans Dessus Dessous* (de 1889). Em *De la Terre à la Lune* (cap. XIX), será anunciada a “correcção” do eixo da Terra para uniformização climática do planeta será enunciada. A empresa será depois

projectada no último capítulo de *Autour de la Lune*. Em *Sans Dessus Dessous*, o consequente aquecimento global, destruirá não somente os gelos, que impediam a exploração económica dos pólos, mas também países e culturas. Como as histórias das personagens da "Comédie Humaine", as narrativas de ficção científica de Verne permitem ler uma personagem sob formas mais desenvolvidas ou sob diferentes perspectivas. Essa unidade das "Voyages Extraordinaires" torna ainda mais crível o projecto de um renovado Génesis. Simbolicamente, o último livro de Verne (segundo alguns, escrito em parceria com seu filho e por este editado postumamente, em 1910) chamar-se-á *O Eterno Adão/ L'Eternel Adam*. Mas Verne, como Milton, parece não ter saudades do Paraíso Perdido. Não acredita em pastores arcádicos, olhando os astros e os carneiros:

> "Lorsqu'on prend un berger par son côté ideal, l'imaginaire le fait volontiers un être rêveur et contemplatif: il s'entretient avec les planètes, il confère avec les étoiles, il lit dans le ciel. Au vrai, c'est généralement une brute ignorante et bouchée" (Verne *apud* Dekiss, 2005: 68).

Mas o conhecimento científico não basta. Os argumentos *ad hominem* ou *ad misericordiam*, que caracterizam Michel Ardan, tidos, em geral, como defeitos retóricos, são, à letra, argumentos de humanidade que levam a ouvir os mais velhos (os empecilhos físicos), ou os artistas (os empecilhos intelectuais), ou os estrangeiros (os empecilhos sociais). A figura do Cientista Louco tem, em Verne como noutros, o discurso da razão pura, da lógica bruta, colocadas ao serviço da eugenia, do genocídio:

> "– Meu Caro, há no seu cérebro bem organizado sob outros aspectos, um fundo de ideias célticas que o prejudicam bastante se devesse viver muito tempo. O direito, o bem, o mal, são coisas puramente relativas e convencionais. Nada há de absoluto senão as leis naturais. A lei da concorrência vital é uma delas, como a lei da gravitação. Querer subtrair-se à sua acção é coisa insensata; obedecer-lhe e agir no sentido que ela nos indica é coisa razoável e ajuizada" (Jacobson, Antoni, 1938: 183).

10. "Il est douteux que Wilde ait jamais pensé, avant sa condamnation, qu'il existât des prisons. S'il y a pensé, c'est avec la conviction tacite qu'elles n'étaient pas faites pour les hommes de sa qualité. […] Mais l'homme n'est pas fait pour mourir et c'est pourquoi il est plus grand que la nuit" (Camus, 1981 : 1124).

Ser maior do que a noite, porém, implica sempre olhá-la de frente, ainda que pela visão concentrada de uma fresta na prisão. Óscar Wilde, encarcerado, deixará de criar despreocupadamente, como se a beleza fosse uma coisa inútil: escreverá *De Profundis*. O que Óscar Wilde teria descoberto na prisão é o mesmo que sabia o cego de Puiseaux: que a beleza é uma espécie de eficácia e que a sua utilidade se demonstra pela experiência da privação. A visão do firmamento entra pela cela dentro, invadindo um espaço vigiado, ainda que seja sob a forma dos olhos de um guarda que dia e noite fixa os olhos na lucarna para vigiar o prisioneiro, acabando ambos presos por esse olhar estrelado (cf. Hugo, 1972: X: 29). E é esse mesmo instante de dor que nos pode trazer uma fugaz ideia de eternidade, a mesma ideia a que poderíamos todavia chegar através da felicidade, "quand le coeur en est digne" (Camus, 1981: 1128). O instante em que percebemos a órbita do que nos rodeia, a sua pontual imprevisibilidade e o espírito livre com que a integramos. Encontramo-lo em Meursault, personagem de Camus, quando vê confirmada a sua condenação à morte:

> "On m'a changé de cellule. De celle-ci, lorsque je suis allongé, je vois le ciel et je ne vois que lui. Toutes mes journées se passent à regarder sur son visage le déclin des couleurs qui conduit le jour à la nuit. Couché, je passe les mains sous ma tête et j'attends. Je ne sais combien de fois je me suis demandé s'il y avait des exemples de condamnés à mort qui eussent échappé au mécanisme implacable, disparu avant l'exécution, rompu les cordons d'agents. Je me reprochais alors de n'avoir pas prêté assez d'attention aux récits d'exécution. On devrait toujours s'intéresser à ces questions. On ne sait jamais ce qui peut arriver» (Camus, 1981b : 1202).

Plutarco, Luciano, Cusa, Kepler, Bergerac, Fontenelle, Voltaire, Diderot, Verne, Camus. Citações sobre citações. Obras sobre Obras, estas como muitas outras. Mas procurámos traçar, para sublinhar a importância da Astronomia na Literatura, alguns breves paradigmas, alguns pontos de uma linearidade que se volveria circular. A unidade do espírito prático e do espírito contemplativo, a sublimação da dor e da morte, a pluralidade da unidade, a humildade exigida pelo saber, o sentimento de exílio que nos toma a nós, seres que não queremos sobreviver sozinhos, a relatividade do tempo, do espaço e das acções que neles inscrevemos, a ilusão dos sentidos e a ficcionação da realidade, a utilidade do que é belo e a beleza do que é útil, a bondade expectável do conhecimento, nada excluir, nada recusar… Talvez seja uma vez mais necessário, depois de ler, fechar os livros. E olhar o firmamento. Nunca se sabe o que pode acontecer.

BIBLIOGRAFIA

BERGERAC, Savinien Cyrano de (1990). *L'autre Monde. Les Etats et Empires de la Lune et du Soleil*, in *Voyages au pays de nulle part*, Paris, Robert Laffont.

CAMUS, Albert (1981). *Essais*, Paris, Gallimard.

CAMUS, Albert (1981b). *Théâtre, Récits, Nouvelles*, Paris, Gallimard.

CUSA, Nicolau de (2003). *A Douta Ignorância*, trad. João Maria André, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

DEKISS, Jean-Paul (2005). *Jules Verne*, Paris, ADPF.

FLAMMARION, Camille (1880). *Astronomie Populaire. Description Générale du Ciel*, Paris, C. Marpon et E. Flammarion.

FONTENELLE (1901). *Entretiens sur la Pluralité des Mondes*, Paris, BNP.

JACOBSON, A.; ANTONI, A. (1938). *Das Antecipações de Júlio Verne às Realizações de Hoje*, trad. Eng.º Vasco Taborda Ferreira, Lisboa, Sá da Costa.

KEPLER (2003). *Somnium: the dream or posthumous work on lunar astronomy*, introduction and transl. Edward Rosen's, Nova York, Dover Publ.

PLUTARCH (1831). *Lives*, ed. J. and W. Langhorn, Baltimore, W. and J. Neal.

SAMOSATE, Lucien (1990). *Histoire Véritable*, in « Voyages aux Pays de Nulle Part », Paris, Robert Laffont.

VOLTAIRE (1980). *L'Ingénu – Micromégas*, éd. Jacques Spica, Paris, Bordas.

Make them think! Using literature in the primary English language classroom to develop critical thinking skills.

Maria Ellison

Faculdade de Letras

Universidade do Porto

INTRODUCTION

We all know the pleasure that stories can bring to children's lives and their potential as tools in the teaching and learning process. In the foreign language classroom, stories are recognized as a means of motivating children to an appreciation of the target language and culture. As awareness of the utility of foreign languages for other learning increases, it is important to reflect on and adapt practice to ensure that we provide an education that meets the demands of the world we are living in. This world is one of easy access, quick-thinking, fast-talking, risk-taking, on-the-spot decision-making. It is a *critical world*, one in which almost everything, including people, is judged quickly at the click of mouse. Does the much-loved, cherished classroom story still have a place? In this essay I argue that it does, and that our use of stories in the foreign language classroom can go beyond language learning and into the realms of critical thinking, a skill which is vital in today's world. I will outline the importance of helping children to think and provide a framework to guide teachers' use of questions about stories using Bloom's Taxonomy of thinking processes to encourage and develop thinking beyond simple recall of events. This will show that even in primary English language lessons, children can become critical thinkers.

THE ROLE OF STORIES IN PRIMARY ENGLISH LANGUAGE TEACHING (ELT)

Stories play an important natural role in children's lives in most cultures. They have a universal appeal and provide a rich source of language and imaginative input which

make them ideal teaching tools in primary classrooms. Aside from the obvious pleasure derived from a good story, there are many pedagogic reasons why they should be used in the foreign language classroom. These can be grouped in the following categories:

- Attitudinal: developing positive attitudes to language learning, different cultures, self and others;
- Linguistic: natural exposure to the foreign language in context, lexis, grammar, discourse and pronunciation through patterns and repetitions in the narrative;
- Cultural and Intercultural: access to, and awareness and understanding of other cultures;
- Social and Moral: emotional development/consciousness, empathy, shared experiences;
- Cognitive and Creative: use of the imagination and thought processes, academic skills development to support other learning.

The types of story used in ELT fall into two broad categories: graded and authentic. Graded stories are those in which the language has been carefully chosen or 'diluted' so as to make reading and understanding of the text easier. There is notably an omission of the past tense in graded stories. Authentic stories or 'realbooks' as they are often called, are those intended for native-speaker readers. They contain authentic language used in the natural context of the story (see Mourão, 2003). It can be argued that realbooks, with their inclusion of structures such as the past tense, provide better exposure to the language and have potential for more natural acquisition.

Stories are used variously in the English language classroom from supplementing coursebook coverage of themes and lexical areas to whole syllabuses (see Ellis and Brewster, 2002). In the main, stories are used to introduce or consolidate language and those selected tend to be ones where there is repetition of key words and expressions which invite children to participate in the 'story experience'. Good books are ones which have pictures which accurately accompany the storyline and thus provide support for language development.

A typical procedure for using a story in the classroom would be for key lexis to be pre-taught so that when it is 'met' in the story, children can recognise it in context. When reading the story to the class, the teacher will normally ask questions about the pictures and main characters and events in the story. Such questions tend to be closed ones and focus on recall of facts and events. Sometimes children are asked to

make predictions of what comes next in the story. Other activities which help to develop basic communication skills and consolidate key items of vocabulary may follow.

There is now a wide-range of ELT materials which reflect the many things that can be done with stories in the primary English language classroom. However, it is the use of stories to promote critical thinking in young children that is perhaps least exploited.

THE ROLE OF STORIES IN LIFE-LONG LEARNING

We are living in an age where the content taught in schools and the skills needed in a rapidly evolving world is a constant balancing act. If educators are to fulfill their role in society, they must reflect on *what* and *how* they teach so that they help to equip children with the knowledge, skills and understanding they need to be able to live and function in society. This does not mean that we have to reinvent the wheel, it simply means that we have to make what we teach 'valued added'. That is, make it more relevant, get more out of it. Such is the case with the use of stories in the classroom.

> In preparing children to be full participants in a literate, democratic and multicultural society we need to focus on the ways of thinking that are involved in many uses of literacy in school and in the community. These uses require abilities of reflection, of critical thinking, investigation and problem solving. [ ] The technical side of learning, what the Greeks called *techne*, can be promoted through systematic instruction to give children rich domains of knowledge and skills. But we also need teaching that enables students to develop higher order thinking, the practical wisdom that the Greeks called *phronesis*, that will help tackle the problems of learning and of life.
>
> Fisher (1999)

Reflecting on our practice is not easy as it implies re-evaluation which may lead us to challenge well-established theories and our own deeply-held beliefs. But it is a necessary part of change. For example, we may say that asking an eight year old to think critically about a story is difficult, especially in a foreign language, that the child has not reached an appropriate intellectual level to perform this function. A re-evaluation of our own practice and a change in the way we ask questions and provide

support, for example, would lead us to believe that this is possible. An act of courage would afford us the opportunity.

TOWARDS A THINKING-CENTRED CURRICULUM

Much of what happens in primary classrooms and other levels of schooling involves the transmission of knowledge from teacher to children. Such teaching can be considered 'teacher-centred' with the teacher being in focal position as information and knowledge provider. Many would argue that this is important particularly at the primary level. However, as already pointed out, this technical side of education is not enough. Children have to learn how to apply, to analyse and eventually to evaluate what they learn at school. It is through these processes which require more complex thought and cognitive engagement that effective learning will take place.

According to Fisher (1999), there are strong pedagogical reasons for developing thinking skills in children through the use of literature. Referring to studies which compare more able, literate children with less able ones, Fisher states that.successful learners have:

- Knowledge of literary forms, purposes and genre, including meta-linguistic knowledge;
- Skills and strategies for processing literary knowledge, including the ability to question, interrogate and discuss narrative texts;
- Ability to apply and transfer their learning and knowledge to other contexts.

For children to be encouraged to think, teachers also have to think!

A great amount of teacher talk in the classroom involves teachers asking questions. Many questions are asked to check facts, test memory or check understanding of key words. They are limited, closed questions to which the teacher expects a specific answer. Few questions are of the open, referential type which encourage higher order thinking.

A return to Bloom's Taxonomy: The Cognitive Process Dimension (1956) would do much to help teachers 're-think' their practice in order to help develop vitally important thinking skills in the children they teach.

The taxonomy, often represented as a pyramid, consists of a hierarchy of six levels of thinking starting with lower-order thinking at the bottom and ending with higher-order thinking at the top (Figure 1 below)

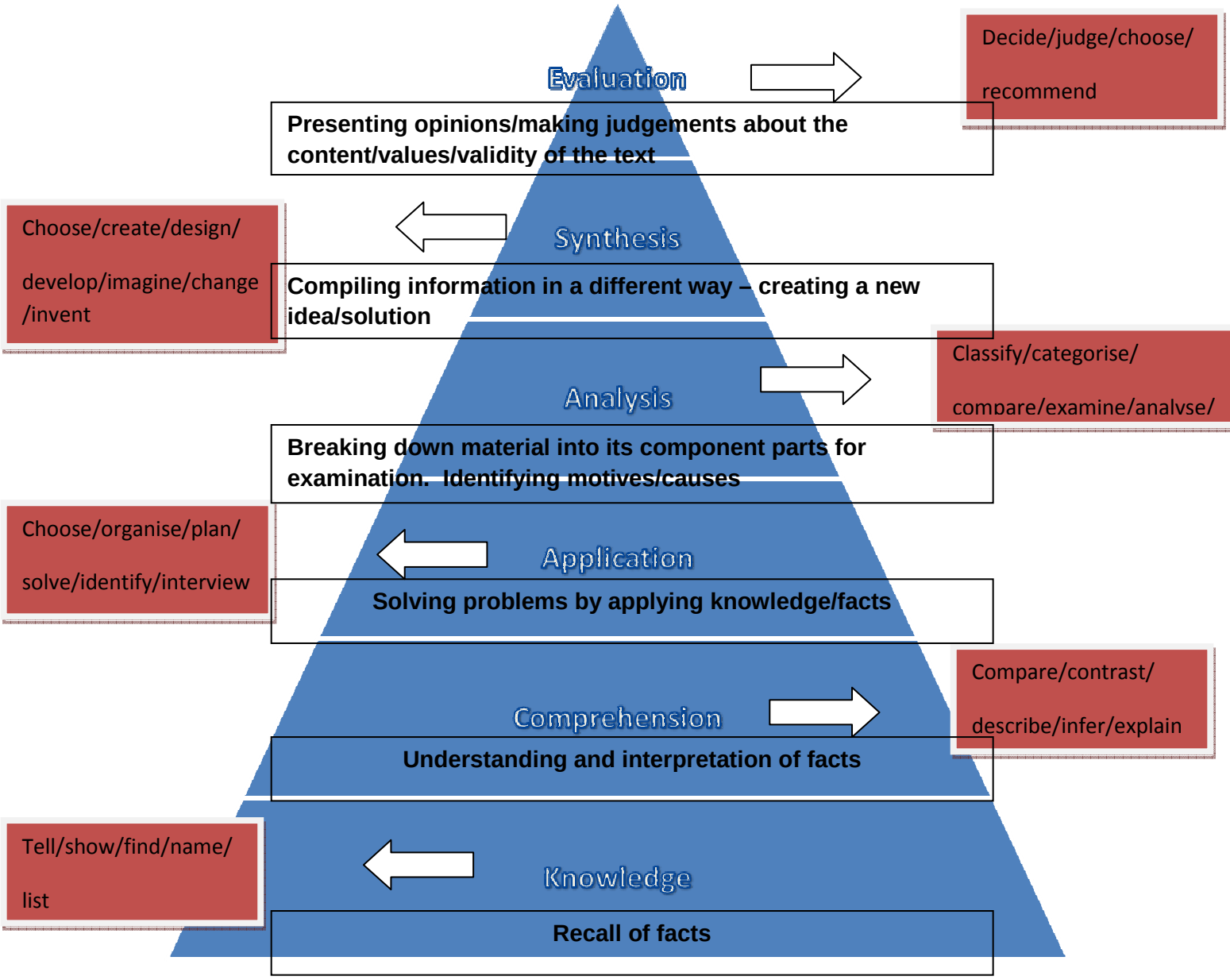


Figure 1. Bloom's Taxonomy: The Cognitive Process Dimension

It is argued that foreign language students, even young children should be asked questions that lead them to progress up the hierarchy and thus develop the full range of thinking skills (See Haynes). Hill and Bjork (2008) link question formation in Bloom's Taxonomy to the five predictable stages of second language acquisition (SLA):

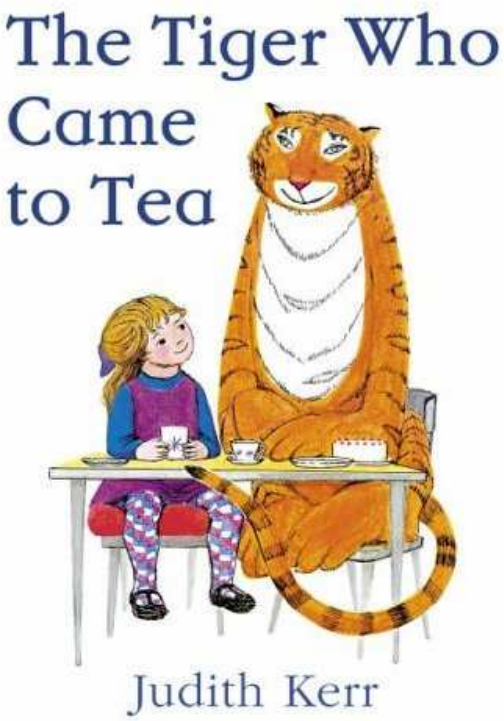
- Pre-production: minimal comprehension, no verbalization, uses gestures e.g. pointing;
- Early production: limited comprehension, one/two word responses, key words/familiar phrases, present tenses;
- Speech emergence: good comprehension, can produce simple sentences, makes grammar and pronunciation errors;
- Intermediate fluency: excellent comprehension, few grammar errors;
- Advanced fluency: near-native level of speech

Teachers can ask questions for each level of Bloom's Taxonomy which are appropriate to each of the above stages of SLA. The amount of output from a teacher's questions will depend on which stage a child is at. These authors argue that limited output should not be mistaken for an inability to think in more complex ways. Young learners should not be kept at the 'knowledge stage' by simply asking recall questions, but that they too should have their thinking challenged.

But how can this be done effectively? The answer lies in the extent to which the teacher provides linguistic and non-linguistic support or 'scaffolding'. Social constructivist theories of education put strong emphasis on learning with and from others. With the help of the teacher and other children, the child should be able achieve success which alone he/she would otherwise not be able to do (Zone of Proximal Development, Vygotsky). The teacher needs to think carefully about the nature of this support. This could be through using the pictures in the book or additional ones, through gestures, the teacher's own voice with appropriately stressed words, intonation, lengthening of sounds, extended pauses. The teacher needs to predict the type of language (verbal or non-verbal) the child needs to answer her questions. This language can be provided in previous lessons or during the lesson itself. Given children's natural desire to communicate they may use their mother-tongue if they do not have the words and structures to do so in English. This perfectly acceptable and is an opportunity for the teacher to see where there are gaps in the language the children need for the learning process.

A FRAMEWORK FOR TEACHERS' QUESTIONS USING BLOOM'S TAXONOMY

An example of how teachers' questions can be used alongside Bloom's Taxonomy is provided below using the classic children's book, *The Tiger Who Came to Tea* by Judith Kerr. This book is a realbook intended for native-speakers.



It was first published in 1973 and tells the story of a little girl, Sophie, and her mother who one tea-time have an unexpected visitor, a tiger. The family, rather graciously, welcome the tiger into their home. The tiger then proceeds to eat everything offered him for afternoon tea and all other food and drink in the family home before politely saying, '*Thank you for my nice tea. I think I'd better go now '* and leaves, never to return. The story is beautifully illustrated, the pictures accurately accompanying the text.

This story could be used with children in the third or fourth year of primary school, who may have had at least one year of English language lessons (three forty-five minute lessons per week). What follows are examples of teacher questions for each level of Bloom's taxonomy. The story, like many that children enjoy, may be revisited and re-read in different lessons. The teacher would not be expected to ask questions from each level within a single lesson. Revisiting the story will allow for its 'polysemic' qualities to be examined and different levels of meaning and significance to be analysed (Fisher,1999).

The idea for teacher questions for each stage of the taxonomy is based on the work of Haynes.

Example questions for each stage.

Knowledge (recall of facts)

Who came to tea?

What did the tiger eat?

What did the tiger do in the kitchen?

What did he do in the bathroom?

Where did Sophie and her parents have supper?

What happened first, and next…? Put the pictures in order.

Scaffolding/children's responses

use the illustrations in the text to frame questions

children can point to illustrations

one/two word answers

flow charts

Comprehension (understanding and interpretation of facts)

How do we know that it wasn't Sophie's daddy at the door?

How did Sophie feel? Draw her face.

Why did the tiger eat all the food and drink all the drink?

What was the kitchen like before the tiger came? And after? Draw it.

How did Sophie's mummy feel when the tiger went? Show me.

Why did the family go to a restaurant for supper?

Scaffolding/children's responses

use the illustrations from the book

teacher gestures

before and after pictures

help answer '*why'* questions using '*because*…'

Application (solving problems by applying knowledge/facts)

How would you feel if a tiger came to your house/to our classroom? Show me/tell me.

What would you say to the tiger?

What would you do? Let's make a list.

Make a comic strip of your story.

Which animals would you like to come to tea? Which ones wouldn't you like?

Scaffolding/children's responses

picture cues of feelings

pictures of other animals/things

speech bubbles

Analysis (breaking down material into its component parts for examination. Identifying motives/causes)

Why did the tiger go to Sophie's house?

Why did Sophie's mummy let him in?

Why did the tiger leave?

Where did he go? Which places did he visit next: church, school, restaurant, the butcher's?

Why did Sophie and her mummy buy Tiger Food at the supermarket?

How do we know he was a nice tiger?

What's the theme of this story?

Scaffolding/children's responses

optional answers through picture cues/word cues/oral cues

graphic organizers to group/classify

Synthesis (compiling information in a different way – creating a new idea/solution)

Think of another animal/thing that came to tea. Tell us.

What would you say/do? Draw a picture.

Tell us your story. Draw the story.

How can you make Sophie's story different?

Which wild animal would you like to be your friend? Why?

Scaffolding/children's responses

Answering '*how'* questions with '*I would* ..'

Evaluation (presenting opinions/making judgements about the content/values/validity of the text)

What kind of story is it? Tell me. Show me.

What did/didn't you like about the story?

What part did you like best?

Did Sophie do the right thing when she let the tiger come in her house?

What/who would you let in your house?

What do you think will happen next?

Do tigers go to tea? Why not?

Scaffolding/children's responses

using picture cues

gestures/facial expressions

CONCLUSION

Helping children to become better thinkers does not mean a huge change in what we teach. It means a change in the way we think about it. Using stories with children to develop critical thinking can be 'natural, familiar and sometimes fun' (Erkaya, 2005). If children love stories then they will love talking about them. Asking the right questions and providing the necessary support for them to answer will allow children to develop their thought processes. Good teaching is more than transferring knowledge from teacher to student. It is about making people think and that means teachers as well as children. By making education more thinking-centred, we will be better preparing ourselves and the children we teach for the challenges life holds.

REFERENCES

BLOOM, B.S. (ed) (1956). *Taxonomy of Educational Objectives, Handbook I : Cognitive Domain.* New York: Longman.

ELLIS, GAIL & BREWSTER, JEAN (2002). *Tell it Again! The New Storytelling Handbook for Primary Teachers.* Harlow: Penguin.

ERKAYA, ODILEA ROCHA (2005). Benefits of Using Short Stories in the EFL Context. *Asian EFL Journal* Vol 8.

FISHER, ROBERT (1999). Stories for Thinking: Developing Critical Literacy through the Use of Narrative. *Analytic Teaching* Vol. 18,Nº 1Retreived from: www.viterbo.edu/analytic/.

GHOSN, IRMA.K. (2002). Four good reasons to use literature in primary school ELT. *ELT Journal* Vol 56/2.

HAYNES, JUDIE. *Bloom's Taxonomy and English Language Learners.* Retrieved from: www.everythingesl.net/inservices/blooms_taxonomy_language_learn_16902.php.

HILL, JANE.D. & BJORK, CYNTHIA.L (2008). Classroom Instruction that works with English Language Learners. Retrieved from: www.a.scd.org/publications/books/108052.

KERR, JUDITH (1973). *The Tiger Who Came to Tea*. London: Collins

MOURÃO, SANDIE (2003). *Realbooks in the Primary Classroom*. London: Mary Glasgow. Scholastic.

For the Loveliest Children

A book selection by Ana Teresa Magalhães & Cláudia Morais

Lopes, Eugénia Soares

Ao Redor de Uma Acácia e Outros Contos

Ilustrações de Simona Traina

Edições Afrontamento, Lisboa, Setembro 2010

14,90€

Priceman, Marjorie / Yolleck, Joan

Paris na Primavera com Picasso

Gradiva, Novembro 2010

13€

Moogley, Will

Agência de Fantasmas: Até os Fantasmas tremem

Civilização Editora

Setembro 20109

20€

Civardi, Anne

O livro das Primeiras Vivências

Ilustrações de Stephen Cartwright

Porto Editora, 2010

12,90€

Guimarães, Teresa

A Menina do Papel

Ilustrações de Anabela Dias, Trinta por uma linha

Colecção: Oito por um Cordel, Setembro 2010

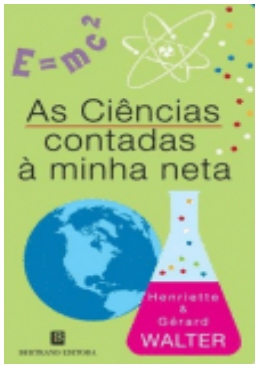
12,50€

Hawking, Lucy e Stephen

Caça ao Tesouro no Espaço

Editorial Presença

13,93€

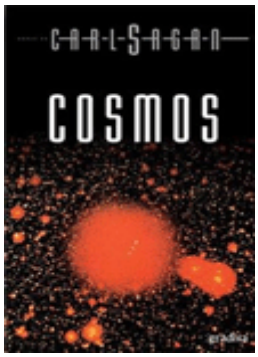


Walter, Henriette e Gérard

As Ciências contadas à minha neta

Bertrand Editora

16,66€

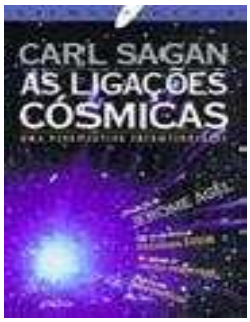


Sagan, Carl

Cosmos

Gradiva

25€



Sagan, Carl

Ligações Cósmicas

Gradiva

17,16€

Contos

para crianças

Stories for

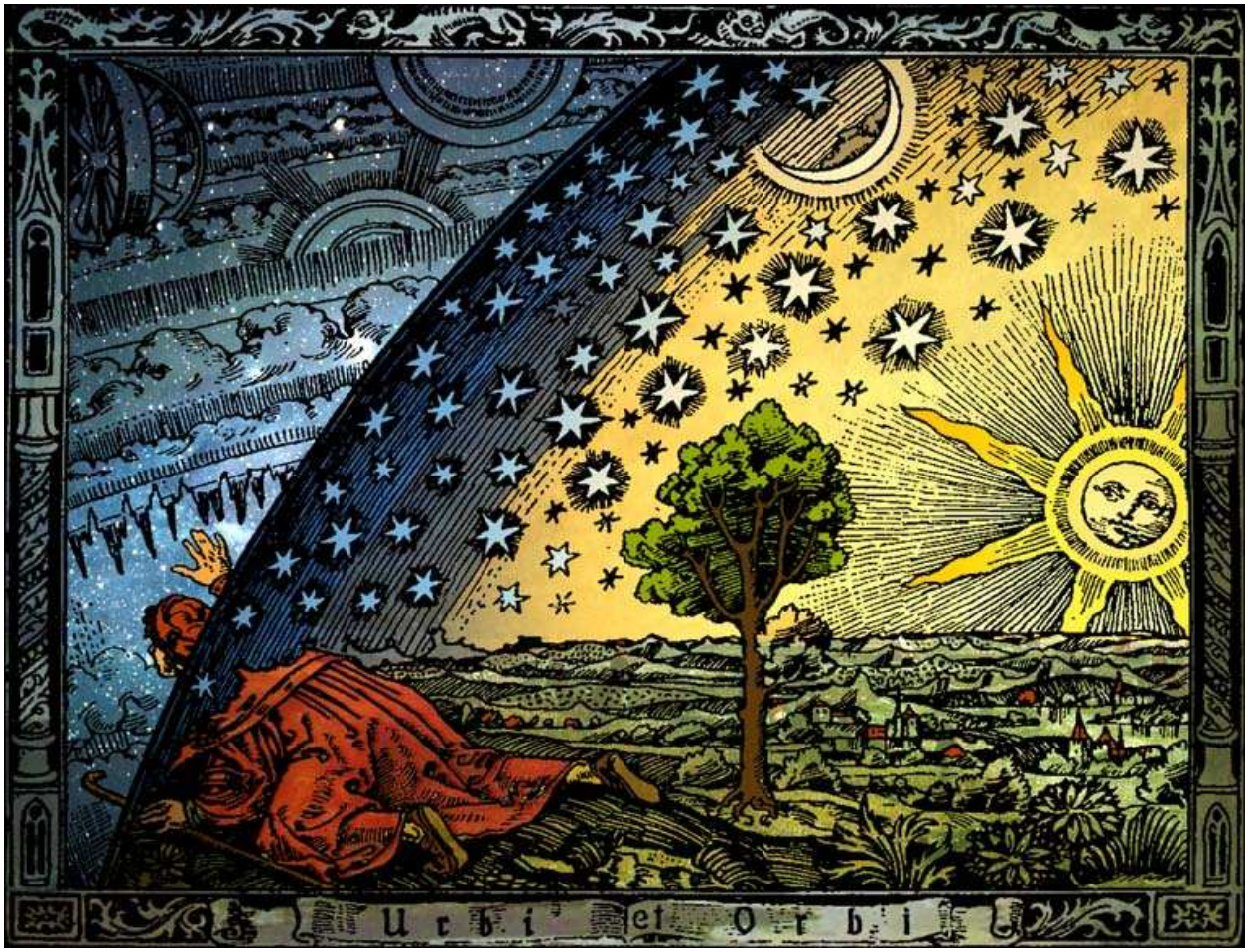
Children

Firmament

Carlos Oliveira

Texas University

U.S.A.



Flammarion woodcut,
with a human looking beyond the firmament,
in Flammarion, Camille (1888). L'atmosphère: météorologie populaire. pp. 163.
http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k408619m

is young. With only 1% of the entire age of the Universe, has just recently arrived in the cosmic arena. inherited all the knowledge of the entire being as soon as its formation was complete.

In fact, is not the entire being. The entire being is a diffuse thing, with all its constituents working together as one being - evolution brought them to this point.

All constituents are pretty much the same, with the same goal: existence. However, from time to time, one appears with a kind of mutation that allows for a slight curiosity and individuality. That is the case of .

The universe is the playground, the world-arena of the entire being, allowing to feel the firmament and wonder if there is something beyond all the information already known. For example, often wonders why the spherical structures have a flat cut through its middle. The accepted view is that those cuts are simply part of the structures, with nothing relevant to it; therefore they are too insignificant and a waste of attention.

*****

Carlos is a member of a group of mammals that call themselves humans. Humans evolved in a process that started by only storing information genetically, which still happens and allows the offspring to have almost the same information as their parents; then the growth of a brain in reptiles was copied by the mammals, and allowed for more information to be stored; after several millennia, information started to be shared orally; a few more millennia later, books appeared; and a few centuries later, information was being stored in a virtual world. Interestingly enough, some humans are now developing ways to store information in living bacteria, which turns the information storage into a cycle that is now going back to possibly storing an increasing amount of information back to biological codes.

A very curious fact about humans - and about all complex life on Earth - is that they are composed of tiny beings, which they call bacteria, all working together for and unaware of the entire being (human). In fact, one of the most

intelligent humans in biological circles once said that consciousness and free will is a simple illusion to make sure that the ego of humans does not realize that they are just hosts for bacteria.

Humans live on a tiny planet, that they call Earth, which orbits an insignificant star, on a typical Galaxy. Besides being very limited in space, humans are also very limited in time. Humans just arrived in the cosmic arena. If the entire age of the Universe could be compressed into one Earth year, then humans showed up at the last hour of the last day; Carlos appeared on the stage within the last second, and he won't last more than that.

Nevertheless, considering their limitations, this species is already able to understand a lot about the universe. Human curiosity allowed them to understand that they live on a round planet, which orbits a star, which in turn orbits the center of a galaxy, in an immense Universe. If we compare this human knowledge with the perception of an ant (who looks straight forward, thinks its entire universe - surface of the Earth - is flat, and has no clue about space outside Earth), then human knowledge is amazingly vast.

Carlos has always been fascinated by this information. He learned all this, not genetically, but in schools, books, and regular conversations. Carlos often looks at the firmament and wonders about the possible information that humans don't yet know. More specifically, he often critically approaches the subject, not understanding why humans show such high levels of chauvinism.

Humans' egocentric views are not just about what they know, and how they feel superior to every other being on Earth - in fact, humans assumed themselves as the last stage of evolution, and the pinnacle of the entire Creation -, but this human sentiment extends to everything they don't know. For example, when thinking about other beings in the Universe, humans often imagine beings exactly like them, physically, psychologically, in terms of senses, attitudes, desires, behaviors, feelings, language, understandings, etc. Humans completely ignore all the differences about life on Earth, assuming that only humans matter. For instance, the fact that ants chemically communicate by using pheromones, or the fact that many animals detect vibrations, or the fact that many beings can look at the universe and see it in a completely different way due to utilizing different wavelengths, or the fact that many species have a

lifetime of their members much longer or much shorter than humans (example: a fly would think of humans as immortal beings) or even the possibility of existence of other senses not yet known to humans, is all completely ignored by humans when trying to imagine their interactions with extraterrestrial beings.

A famous human philosopher once said that "if a lion could talk, we would not understand him", because lions perceive the world in ways quite alien to humans; lions possess drives and senses that are not shared by humans. In fact, similar comparisons can be seen in human history: when the Australian Aborigines could not understand the meaning of certain European words, it was not a question of learning a language, but the fact that the meaning of the concept was alien to the Australian cultures. Thus, with extraterrestrial cultures, these differences will surely be accentuated. However, humans seldom think about these factors and often imagine aliens as a mirror of Western cultures.

Carlos does not understand this psychological geocentrism. It makes no sense for humans to be the measure for every life in the universe. Humans wrongly assume that "aliens are us".

Carlos often wonders about what type of life can exist outside Earth. He tends to think that when we find extraterrestrial life, we probably will not even recognize it as life. A case in point is that humans have determined that only 4% of all the matter in the Universe is the same type of matter that humans are made of. Besides 73% of "dark energy", 23% of the universe is made of something that humans conventionally call "dark matter". If the Universe is mainly made of that unknown matter, then there is a bigger chance that life out there will be made of dark matter. If those beings exist, then they would see galaxies, not the way we see them - a flat disk with a dark matter halo -, but completely the opposite - spherical structures with a flat cut through its middle. In fact, if Carlos had to write about beings made of dark matter, he probably would choose to leave their name blank - instead of a name, there would be a space, because we, humans, cannot directly see that unknown type of matter.

*****

∞ is a curious being. ∞ likes the universe a lot. However, ∞ is not so much fascinated with the exterior, but is completely mesmerized by what it learned about its interior.

With the knowledge cells that were just incorporated into it, ∞ learned that an entire ecosystem is living inside ∞ . Amazingly, an incredible amount of tiny creatures - let's call them, bacteria - are living inside the "body" of ∞.

∞ is dumbfounded. How can such tiny creatures exist? ∞ is pretty sure that, whatever they are, those creatures have no intelligence to perceive that their entire universe is just the insides of ∞.

Nevertheless, and just for fun, ∞ starts imagining what those bacteria would be like. Maybe some bacteria would imagine the area to be the entire universe. In fact, it may be nothing more than just one of ∞ 's "organs". The bacteria would "look" at the firmament and see planets, galaxies, and imagine other bacteria like them very far away from them, when in fact, their entire universe is nothing more than a tiny space inside ∞. Suddenly, ∞ realizes that the bacteria are such tiny creatures that they would think their universe is very close to being flat, when nothing could be further from the truth. ∞ is impressed with its thoughts.

*****

, as usual, is upset with . spends incredible amounts of time in its simulations. For , it doesn't feel that way; in fact, it feels like time flies when it plays with its simulations.

have fun watching how the universes that it creates, develop. always put the universes running faster than the real-time, so is able to study and analyze them. With this current universe, for instance, the tiny speck of dust inside ∞ that humans call Earth, appeared and will disappear very quickly in 's simulation.

This time, is mostly upset because this new universe is utterly uninteresting. Although had very high hopes for this universe, as

always does, the fact is that this simulation can be considered a failure. knows that is right.

always have strange feelings when ending a simulation, and this time it is no different. does not want to completely erase from existence everybody within that universe, including ∞ , Earth, humans, Carlos, ants, and . However, in this universe, did not create any emotional attachments. This time, things are just incredibly boring.

So, decides it is time to finish the universe and everything inside it. To end it all, simply thinks: end simulation.

And all is over...

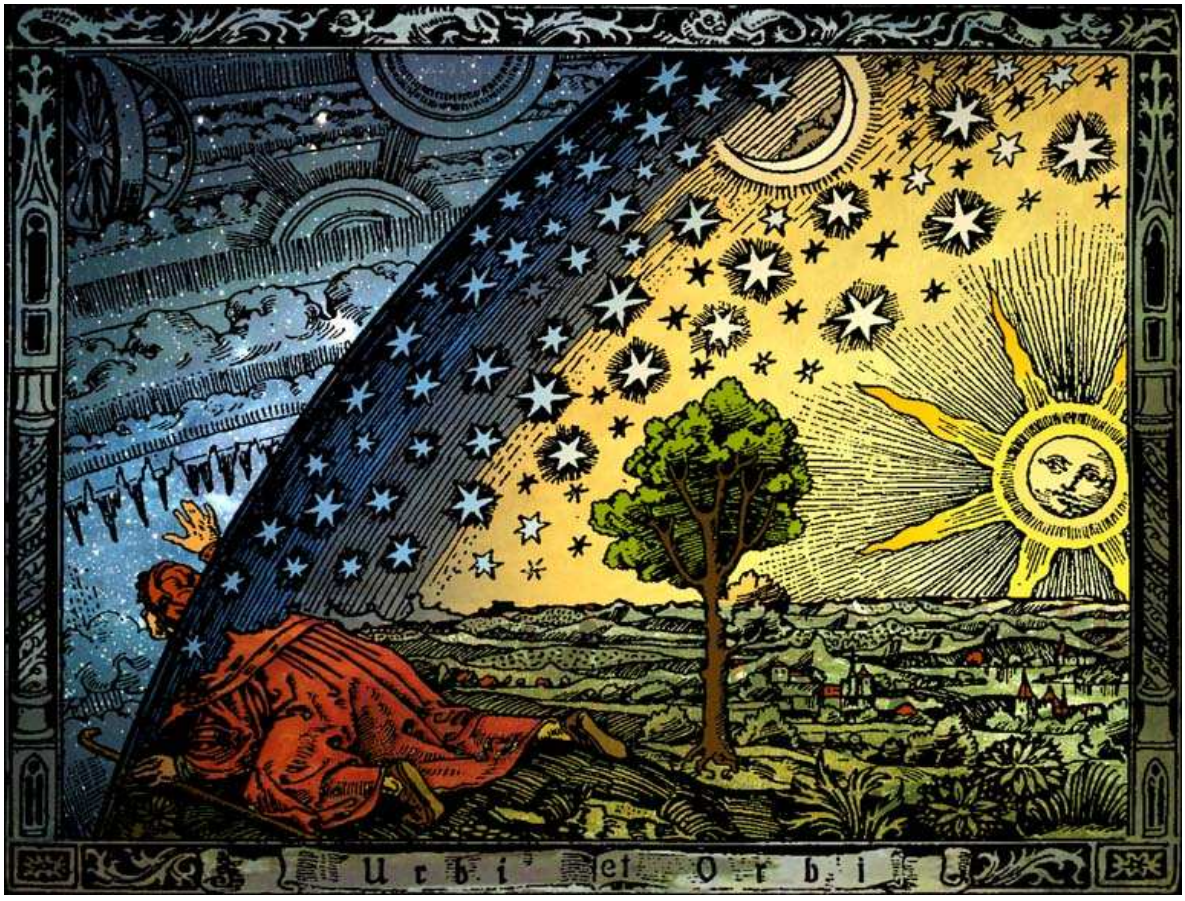
Meanwhile, starts working on its next project: a hopefully much more interesting universe...

Firmamento

Carlos Oliveira

Texas University

U.S.A.



Gravura que apareceu no livro de Flammarion,
em que um ser humano vê para lá do firmamento,
in Flammarion, Camille (1888). L'atmosphère: météorologie populaire. pp. 163.
http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k408619m

é jovem. Com apenas 1% da idade do Universo, acabou de chegar à arena cósmica. herdou todo o conhecimento do ser assim que se formou.

Na verdade, não é todo o ser. O ser é uma matéria difusa, em que os seus constituintes trabalham em conjunto como sendo um só - a evolução trouxe-os a este ponto.

Todos os constituintes são basicamente iguais, e têm o mesmo objectivo: existirem. No entanto, de tempos a tempos, um dos constituintes aparece com uma mutação que lhe dá um pouco mais de individualidade e curiosidade. Este é o caso de .

O Universo é o palco do ser, permitindo que sinta o firmamento, e se pergunte sobre o que poderá haver para além da informação que já sabe. Por exemplo, está bastante curioso em saber o que são os cortes que existem a meio das estruturas esféricas. A explicação normalmente dada é que esses cortes são parte das estruturas, sem qualquer relevância especial; ou seja, são tão pouco importantes, que não merecem que se perca tempo com eles.

*****

O Carlos é um membro do grupo de mamíferos que se auto-intitulam de Humanos. Os humanos evoluíram num processo que começou por armazenar informação unicamente nos genes - isto continua a acontecer, e por isso é que os filhos têm informação semelhante à dos pais; passados milhares de milhões de anos, os répteis desenvolveram cérebros, e os mamíferos copiaram este desenvolvimento, permitindo-lhes passar a armazenar informação também no cérebro; mais alguns milhões de anos passaram, e essa informação passou a ser transmitida oralmente, permitindo que o seu armazenamento passasse a ser também nos cérebros de outros indivíduos; mais alguns milhares de anos, e apareceram os livros para armazenar ainda mais informação; e ao fim de mais alguns séculos, apareceu a internet que permite armazenar a informação num mundo virtual. Curiosamente, alguns humanos estão a desenvolver actualmente a capacidade de se armazenar informação em bactérias, levando a que o ciclo se complete, voltando a códigos biológicos.

Uma curiosidade sobre os humanos - e sobre toda a vida complexa na Terra - é que são compostos de pequenos seres, bactérias, que trabalham em conjunto para o humano e nem se apercebem da existência desse humano. Um dos humanos mais inteligentes na área da biologia disse certa vez que a consciência e o livre arbítrio são simples ilusões para que o ego humano não perceba que o humano é um simples contentor de bactérias.

Os humanos vivem num pequeníssimo planeta a que chamam de Terra, que orbita uma estrela insignificante numa Galáxia irrelevante. Além de estarem extremamente limitados no espaço, os humanos também estão extremamente limitados no tempo. Os humanos acabaram de chegar ao Universo. Se se comprimir a idade do Universo num único ano terrestre, então os humanos apareceram somente na última hora do último dia do ano; e cada humano vivo actualmente, como o Carlos, apareceu somente no último segundo, e não viverá mais do que isso.

De qualquer modo, e apesar das suas limitações, os humanos são capazes de compreender bastantes características inerentes ao Universo. A curiosidade humana levou à compreensão de que os humanos vivem num planeta esférico, que orbita uma estrela, que por sua vez orbita uma galáxia, num Universo gigantesco. Se compararmos este conhecimento humano com a percepção de uma formiga (que pensa que o seu universo - a superfície da Terra - é plano, e não se apercebe do espaço para lá da Terra), então o conhecimento humano é incrivelmente vasto.

O Carlos sempre se sentiu fascinado por este tipo de conhecimento. Ele aprendeu tudo isto, não geneticamente, mas na escola, ao ler livros, e em conversas com amigos. O Carlos tem por costume olhar para o firmamento e perguntar-se sobre a informação que os humanos desconhecem. Especificamente, ele costuma criticar a forma superior com que os humanos pensam nos outros, demonstrando narcisismo sobre os assuntos.

O egocentrismo humano não se resume àquilo que já se sabe, nem se limita à forma como os humanos se sentem superiores em relação a toda a vida na Terra - na verdade, os humanos assumem-se como o topo da evolução -, mas este sentimento humano estende-se ao que é desconhecido. Por exemplo, quando pensam noutros seres no Universo, os humanos quase

sempre assumem que esses seres serão basicamente humanos: com um físico similar, com uma psicologia idêntica, com os mesmos sentidos, com as mesmas atitudes, com os mesmos desejos, com comportamentos idênticos, com sentimentos similares, com uma linguagem comparável, com o mesmo tipo de compreensão do Universo, etc. Os humanos ignoram completamente os diferentes tipos de vida na Terra, e assumem que só os humanos são importantes. Por exemplo, o facto das formigas comunicarem quimicamente com a utilização de feromonas, ou o facto de alguns animais detectarem vibrações, ou o facto de existirem animais que vêem o Universo em diferentes comprimentos de onda, ou o facto de existirem espécies com vidas mais longas ou mais curtas que os humanos (exemplo: a mosca pensará que os humanos são imortais), ou até poderem existir outros sentidos actualmente desconhecidos para os humanos, são exemplos totalmente ignorados pelos humanos quando imaginam interacções com seres extraterrestres.

Um famoso filósofo disse certa vez que "se um leão conseguisse falar, nós não o compreenderíamos", porque os leões têm uma percepção do mundo que é completamente estranha (praticamente extraterrestre) para os humanos; os humanos não partilham dessa forma de pensar dos leões. Aliás, uma conclusão similar pode ser tirada ao estudarmos a história humana: quando os Aborígenes Australianos não compreenderam o significado de uma palavra dos Europeus que os invadiram, não foi uma questão de tradução para uma linguagem diferente, mas foi sim devido ao facto que o conceito (roubar) não existia nessas culturas. Daí que com culturas extraterrestres, essas diferenças serão ainda mais acentuadas. No entanto, por incrível que pareça, os humanos raramente pensam nestas diferenças, e imaginam que os extraterrestres serão semelhantes às culturas humanas ocidentais.

O Carlos não entende a razão para a existência deste geocentrismo psicológico. Não faz sentido que os humanos sejam o critério para toda a vida que existe no Universo. Os humanos assumem incorrectamente que "os extraterrestres são humanos".

Frequentemente, o Carlos imagina como será a vida extraterrestre. Ele pensa que se a encontrarmos, provavelmente nem a vamos reconhecer como vida. Um exemplo claro disso é que os humanos já determinaram que só 4%

da matéria no Universo é o mesmo tipo de matéria de que os humanos são feitos. Além de 73% de energia negra, 23% do Universo é feito de matéria negra. Se o Universo tem assim tanta matéria desconhecida, então há uma probabilidade maior de possíveis extraterrestres serem feitos de matéria negra, do que de matéria normal. E se esses seres existem, então eles veriam as galáxias, não da forma como as vemos - um disco "plano" com um halo esférico de matéria negra -, mas sim de forma contrária - estruturas esféricas com um corte no meio. Na verdade, se o Carlos tivesse que escrever sobre seres feitos de matéria negra, provavelmente deixaria o seu nome em branco - em vez de um nome, estaria um espaço, já que os humanos não conseguem ver directamente esse tipo de matéria desconhecida.

*****

∞ gosta bastante do universo, e tem curiosidade sobre ele. No entanto, ∞ está mais fascinado pelo universo interior do que pelo exterior.

Com as células de conhecimento que recebeu, ∞ aprendeu que existe um ecossistema dentro de si. ∞ ficou maravilhado ao perceber que dentro de si existe um número incrível de pequenas criaturas - chamemos-lhes "bactérias".

∞ está estupefacto. Como podem existir tão pequenas criaturas? ∞ tem a certeza que essas criaturas não têm inteligência para perceberem que o seu universo é simplesmente o interior de ∞.

De qualquer modo, e só para se distrair, ∞ começa a imaginar como serão essas bactérias. Algumas dessas bactérias que vivam num dos "órgãos" de ∞ talvez pensem que essa área é todo o universo. As bactérias vão "olhar" para o firmamento e "observar" planetas, galáxias, e quiçá até imaginar outras bactérias muito longe de si, quando de facto todo esse universo é somente um pequeno espaço dentro de ∞ . Subitamente, ∞ percebe que as bactérias são tão pequenas que pensarão certamente que o seu universo é praticamente plano, quando isso está bastante longe da realidade. ∞ está impressionado com o seu raciocínio.

*****

Como de costume, está chateado com . passa imenso tempo nas simulações. nem se apercebe do tempo que passa, porque o tempo voa enquanto se diverte com as suas simulações.

acha interessante observar o desenvolvimento dos universos que cria. Os universos por si criados têm um tempo acelerado, para assim os poder analisar. Por exemplo, no universo actual, o pequeno pedaço de pó dentro de ∞ a que os humanos chamam Terra, apareceu e irá desaparecer rapidamente na simulação.

Desta vez, está chateado sobretudo porque este universo é incrivelmente aborrecido. Apesar de ter tentado que este universo fosse interessante, a verdade é que tem razão, e a simulação pode ser considerada um fracasso.

tem sempre sentimentos contraditórios quando chega a altura de terminar uma simulação, e desta vez não é diferente. não quer apagar de toda a existência tudo o que existe no universo, incluindo ∞ , a Terra, humanos, o Carlos, formigas, e . No entanto, desta vez é mais fácil, porque não criou laços emocionais com qualquer das personagens deste universo. Desta vez, o universo é simplesmente demasiado desinteressante.

Por isso, decidiu apagar todo o universo. simplesmente pensou: acabar a simulação.

E tudo desapareceu...

Entretanto, começou a trabalhar no seu próximo projecto. espera que o novo universo seja muito mais interessante...

Um homem caminha devagar

Isabel Pereira Leite

Faculdade de Letras

Universidade do Porto

Fotografia de Rogério Sousa

"Tempestade no deserto". Egipto 2010

Um homem caminha devagar.

Atravessa a cidade em ruínas no meio do deserto.

Gosta de caminhar. Caminhando, sente-se livre para se encher de pensamento. Talvez não tanto de pensamento; mais de emoções.

O deserto proporciona-lhe um espaço sem fim – por isso mesmo se deixava permanecer tantas vezes em lugares onde o silêncio impera. Não que o deserto seja silencioso. Não! Nada pode ser mais tocante do que a solidão que se vive acompanhada. A presença dos sons do deserto é uma presença viva, ora pacífica, ora irrequieta, profundamente emotiva, sendo apaziguante ao mesmo tempo.

O tempo. Há quanto tempo caminha ele? Não o saberia, com certeza. A imensidão do que o rodeia fizera-lhe perder a noção do tempo.

O tempo, para ele, está entre as ordens de grandeza incomensuráveis. Tinha dificuldade em aperceber-se do passar das horas, sobretudo quando procurava o deserto e se sentia bem dentro dele. Curiosamente, era nessas ocasiões que, por mais vivo, por mais livre, encontrava com mais facilidade em si o melhor dele próprio.

Que atracção tão poderosa exerce o deserto nele! Um fascínio muito para além das palavras. Lugar mágico, de encantamento absoluto, pela total ausência do supérfluo. Lugar de eleição que se alimenta dos reflexos da Estrela Maior, durante o dia, para, à noite, se deleitar na contemplação de todas as outras estrelas do firmamento que começam a brilhar quando aquela adormece.

Ah, como ama a planura e as dunas; como gosta de lhes sentir as formas ao caminhar, rumo ao oásis.

Caminhava desde manhã cedo. Desde que o Sol acordara. A ideia era chegar ao lugar do oásis que ainda não conhecia. Não há desertos sem oásis. Também é certo que sem desertos, não há oásis. Por isso, talvez por isso, o homem não tivesse pressa. Gostava de se preparar interiormente para acolher o tempo que o deserto lhe oferecia. Só depois disso conseguia, normalmente,

retribuir-lhe a dádiva, depositando-lhe, então, no longuíssimo regaço, o seu tempo.

Às vezes sentia-se como se pertencesse ao deserto. Outras vezes, mais raras, achava-se quase um intruso. Nessas alturas, obrigava-se a parar.

Não é um exercício fácil tentar descobrir-se a si mesmo, ensaiando enganos para as angústias, até encontrar a paz. A descoberta, toda a descoberta, se faz entre um misto de apreensão, regozijo e serenidade.

O homem sabe que a vida no oásis é muito mais previsível. Ele sabe que o que tem de mais genuíno pertence ao deserto que lhe proporciona a evasão, porque o peso dos anos e das memórias se esvai, e a calidez de cada momento o afaga por dentro.

Como as palmeiras que a brisa toca ao de leve e se inclinam ao seu sabor, também o homem se inclina para apanhar o lenço que trazia enrolado ao pescoço.

Caíra. Assim, simplesmente. Caíra no chão do oásis, como se tivesse vontade de o sentir, a esse chão que o homem pisa agora.

Uma leve brisa no ar. Quente, mais quente, porque cada vez mais intensa.

Quantas vezes vira ele isso suceder? Tantas, tantas, já…

Porém, algo lhe diz que está para acontecer qualquer coisa diferente. Na diferença, tudo pode acontecer. E acontece!

De repente, vinda de lugar nenhum, a nuvem de pó de finíssima areia levanta-se, como se a força do Sobrenatural a empurrasse do chão e a arrastasse consigo, fazendo com que atravessasse o tempo.

O homem sente essa força indescritível, a força da Criação. Num momento raro, porque inusitado, retira da mochila a sua máquina de caminhante e, inspirado, fotografa o Sopro Divino.

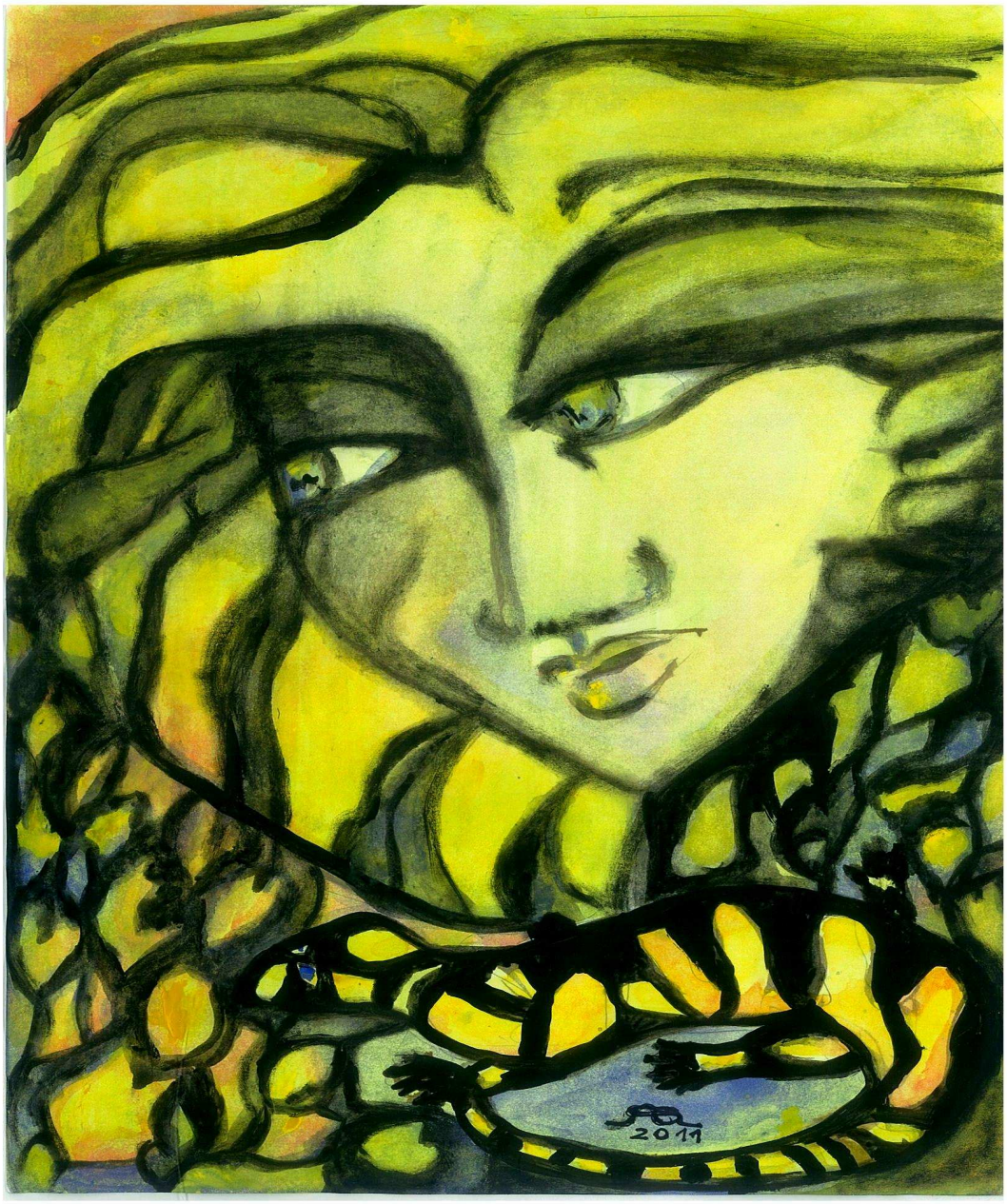
O deus cor-de-sol

Breve história sobre a estranheza

Filomena Vasconcelos

Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Ilustrações de Filomena Vasconcelos



Houve um tempo em que os deuses desciam das suas galáxias estreladas e visitavam a Terra. Vinham na forma de seres terrenos, podiam ser humanos ou animais, elementos ou forças da natureza, como o vento, o relâmpago ou a lava, os rios e mares. Quando tomavam a forma humana eram sempre muito belos, com aquela estranheza no olhar e num certo modo de ser ou de estar que fascinava e ao mesmo tempo intrigava quem os via. Talvez fosse do brilho escuro e intenso que lhes envolvia o corpo e modelava os movimentos numa espécie de aura perversa feita de inocência e maldade. Eram vaidosos, divinamente vaidosos, mas gostavam de andar incógnitos, passar despercebidos entre a multidão dos mortais para melhor se rirem da sua miséria. Eram imprevisíveis. Eram implacáveis, cruéis, tão divinamente frios e distantes como divinamente magnânimos e compassivos. Era difícil reconhecê-los e só a certos sábios ou magos era concedido esse poder.

O deus que visitou o reino antigo de um rei sábio veio na forma de um jovem que estranhamente poderia também ser um velho. Digamos que será até paradoxal falar do tempo quando se fala de um deus, pois o deus não tem tempo e para ele o tempo não existe. O tempo só faz sentido para nós, seres temporais e, por isso, mortais. No espaço do nosso tempo há porém uma coisa que nós temos e que é quase desconhecida dos deuses: a memória. Mas como tudo, a memória tem a finitude das coisas que existem no tempo, mesmo quando vai muito além da vida humana e, nessa altura, se chama história. É por isso que descrever um deus é um difícil exercício de memória, não individual, pois seria demasiado curta e míope, mas colectiva e universal, no arquivo ancestral da história dos povos onde se guardam as lendas e os mitos. E na memória da lenda daquele reino antigo ficou como que gravada a imagem fugaz de um homem muito belo que diziam ser cor-de-sol. Não que se parecesse com o sol, não era amarelo nem dourado. Não trazia nenhum raio de fogo ou coroa solar e em nada era uma criatura aberrante, uma *avis rara* da natureza. Mas talvez fosse do brilho, o excessivo brilho estelar que lhe envolvia a silhueta e o destacava da multidão baça ao seu redor. Cor-de-sol foi somente a metáfora possível de uma língua empobrecida.

Um dia, o deus cor-de-sol entrou nos domínios do palácio real e caminhou entre o arvoredo ao fundo dos jardins. Parou junto a uma velha árvore admirando-lhe a copa frondosa. Recostou-se e adormeceu à sua sombra como qualquer ser terreno. Quando acordou, ficou surpreendido pela sensação vaga de uma recordação. Tinha sonhado mas não conseguiu saber sobre o quê. É que os deuses também sonham, mas não sabem que o fazem, pois para eles sonhar é como criar realidade. Sonho e real são para eles a mesma coisa. Não há esquecimento possível na passagem de testemunho do sono para a vigília, pois essa é apenas uma condição humana. Os deuses não dormem, não é o que dizem? Só quando vestiam a pele humana e fingiam ser terrenos, por momentos até iludidos da sua mortalidade inventada, é que os deuses gostavam de brincar às emoções e consciências humanas, fazendo de conta que sentiam como sentem os humanos, no amor e no desamor, no sonho e na paixão, na doença e na morte.

E foi então que ao deus cor-de-sol lhe pareceu acordar de um sonho entretanto esquecido, e sentir uma profunda angústia que logo se desvaneceu, levada pela aragem morna daquela tarde de verão. Espreguiçou-se no tapete de musgo e olhou o azul claro do céu recortado pela folhagem. Achou graça a contar os pequenos raios de sol que lá conseguiam esgueirar-se por entre a densa rede de ramos e folhas, até que se fixou nuns curiosos reflexos de luz no interior escuro da própria árvore. Não eram só reflexos, eram magníficos pomos dourados, bem sólidos, acetinados e resplandecentes. Eram frutos! Apeteceu-lhe agarrar um deles e prová-lo. Não, talvez o guardasse para o levar consigo como recordação. Mas como, se a memória não existia? Afinal, não era ele um deus? E, oh, como devia ser saboroso… trincou o fruto, macio, doce, e docemente perfumado… puro prazer do momento eterno, só aos deuses reservado.

Pareceu-lhe voltar ao sonho de há momentos e aos corredores de um tempo perdido, que não era o seu de verdade, mas simplesmente um tempo de empréstimo. Deu por si a ser embalado como um menino nos braços de sua mãe, que lhe beijava os cabelos e dizia um sem número de patetices em jeito de cançoneta. Riu baixinho e secretamente invejou os homens que nasciam e

morriam. O tempo de nascer e o tempo de morrer. Como era difícil aos homens nascer… mas esqueciam logo, sem chegar alguma vez a lembrar-se… como era difícil aos homens a morte… estranho para um deus pensar estas coisas, mesmo a sonhar… nascer? E não era a morte apenas um outro espaço? Mas que interessava? Os homens conhecem pouco e sabem ainda menos. São patéticos, têm sentidos patéticos, percepções patéticas, sentimentos patéticos. Tristes. Além disso, têm uma natureza embotada e arrogante, falta-lhes o humor, não se dão conta do ridículo. Deviam acreditar mais nos sonhos, pois são lugares de iluminação, antecâmaras do desconhecido e do inominado, só a custo vislumbrados. Deviam acreditar nos sonhos, deviam acreditar nos sonhos, deviam acreditar… os sonhos, os sonhos, sonhos, que sonhos…

Deixara já para trás a memória do sonho

E os fantasmas dos homens para lá da cortina da morte…

ou no limbo do que ficou por nascer –

“Os pobres de espírito e os ascetas estão excluídos dos prazeres do Paraíso porque os não compreenderiam.” Ouvia-se Borges à distância.

Um pequeno animal viscoso e escuro, um batráquio luzidio, mexia a cabeça e as patas com grande rapidez ao rasteirar pelo musgo em direcção à árvore, tronco acima. Quase não dera pela presença do intruso ali a dormitar à sombra, não fora pela luz estranha que dele irradiava, ferindo-lhe os olhos. E prosseguiu caminho, sem ligar a mais nada. O deus cor-de-sol não estava habituado a ser ignorado por nada nem ninguém, quanto mais, displicentemente ignorado por uma criatura tão insignificante. Melindroso como só os deuses sabem ser, seguiu-lhe os movimentos com curiosidade. Mas não foi o que a criaturinha viscosa ali foi fazer ou acontecer que fascinou o deus radioso. Pouco lhe interessavam as actividades dos seres terrenos, comezinhas, rotineiras, e de mera sobrevivência. Não. Foi a dança graciosa dos seus passos leves e ligeiros, por entre a folhagem escura e os frutos dourados, recortando a luz em reflexos de fogo no corpo frágil, ondulante. Parecia que a árvore se abria em milhares de labaredas, em jogo cúmplice com

a dança do batráquio. Era como se ele andasse dentro do fogo. O deus cor-de-sol levantara-se.

"Dou-te o nome de 'Salamandra' porque andas dentro do fogo", disse ele. Num gesto determinado tomou o animalzinho assustado entre as mãos. "O teu corpo inteiro ficará marcado com o sinal da labareda dourada, para que ninguém ao ver-te se esqueça de quem tu és: filha do sol e senhora do fogo. Terás poder para o criar e extinguir, como bem te aprouver."

Dito isto, pousou a salamandra no chão para que ela seguisse o seu rumo. Labaredas amarelo-dourado pintavam-lhe o corpo escuro e viscoso e foi por esse colorido vivo, em dança ao sol e ao fogo, que todos ficaram a conhecê-la.

"Pequeno dragão que vive no fogo…", continuava Borges.

Voltando-se de novo para a árvore, o deus cor-de-sol agradeceu-lhe a dádiva dos frutos dourados e suculentos. Ordenou ao sol que sobre ela enviasse um dos seus raios para que esta o absorvesse na seiva e permanecesse viva e fértil para todo o sempre. As folhas escuras lembrariam a frescura da sombra nas tardes de verão e os pomos dourados e doces seriam elixires sagrados de imortalidade para quem os provasse. Talvez Eva pensasse que os encontrara, certo dia, no Paraíso. Talvez Hércules os tivesse cobiçado e tentasse roubá-los a Hera no Jardim das Hespérides Há muito tempo, no pomar de Iduna…

A árvore ficou conhecida como a “Árvore da Vida” mas já ninguém sabe onde ela vive. Mas que ela vive, vive.

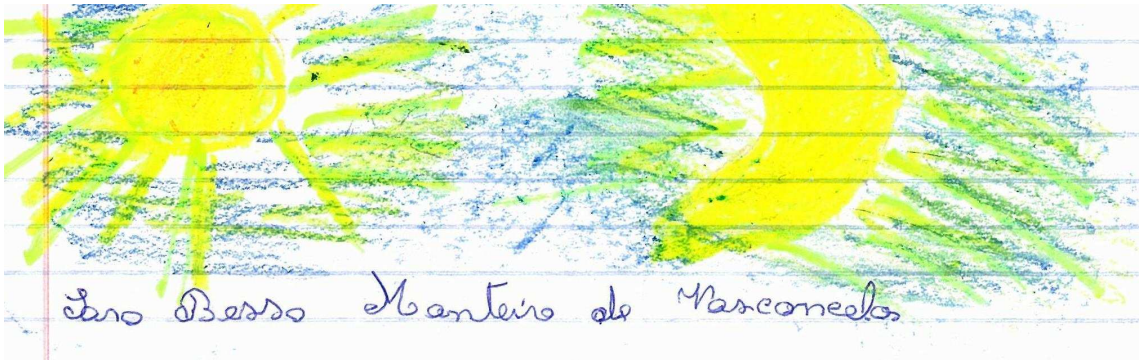
O universo é uma árvore gigantesca carregada de frutos dourados a luzir no escuro. Por lá passeiam deuses e anjos como que ao luar. Dizem que também os espíritos.

Epílogo

Um dia, o rei sábio encontrou a Salamandra junto da Árvore da Vida e, arrancando dela uma das suas folhas escreveu com pena de ouro palavras de sabedoria que Plínio, mais tarde, viria a reescrever na sua *História*: por ser tão fria, a Salamandra apaga o fogo só de lhe tocar; de batráquio pode transformar-se em animal alado, ora quadrúpede, a Pirausta, ora semelhante à Fénix, ave de fogo que renasce das cinzas. Os alquimistas haviam de atribuir-lhe a simbologia de espíritos elementares do fogo e Borges lembraria a Salamandra de Santo Agostinho *n’A Cidade de Deus* como aquela espécie de “animais sem dúvida corruptíveis, pois são mortais, que vivem todavia nas chamas….” Acrescenta ainda que para Leonardo da Vinci “a Salamandra se alimenta do fogo e que este lhe serve para mudar de pele.” [1]

[1] Todas as referências a Jorge Luís Borges se reportam a *O Livro dos Seres Imaginários*. Trad. Serafim Ferreira, Teorema, Lisboa, 2009 (*El Libro de los seres imaginários*, 1989).

Carta do Sol para a Lua



Sara Bessa Monteiro de Vasconcelos
Texto e ilustração

Céu, Quarta-feira, 2 de Fevereiro de 2011

Querido Sol:

Espero que contigo esteja tudo bem. Comigo, tem estado tudo na perfeição, tem corrido tudo lindamente.
Tenho andado de trás para a frente, o costume.
Lua, a última vez que te vi tu estavas tão bela e tão brilhante que acho que me apaixonei por ti.
Estive a pensar e achei que era giro nós, pela primeira vez, nos encontrarmos os dois sozinhos a observar a linda paisagem.
Ia ser muito giro e muito maravilhoso.
Algumas pessoas dizem que tu és muito mentirosa mas eu, o Sol, não acho nada.
Espero que gostes da ajuda que eu te dou, à noite. Acho que podíamos ser amigos e mais tarde namorados.
Eu vou esperar pela tua resposta e espero que seja sim. O ponto de encontro vai ser quando tu estiveres mais perto de mim.
Lua, eu adoro-te, por favor vem. Vai ser muito divertido.

Editorial Committee

Comissão Editorial

Filomena Vasconcelos

Associate Professor of English Literature

Department of Anglo-American Studies

FLUP University of Porto

Professora Associada de Literatura Inglesa

Departamento de Estudos Anglo-Americanos

FLUP Universidade do Porto.

Publicações/ Publications:

Ricardo II, de William Shakespeare. Tradução, Introdução e Notas de Filomena Vasconcelos. Campo das Letras, Porto, 2002.

O Conto de Inverno, de William Shakespeare. Tradução, Introdução e Notas de Filomena Vasconcelos. Campo das Letras, Porto, 2006.

Imagens de Coerência Precária. Ensaios breves sobre linguagem e literatura. Campo das Letras, Porto, 2004.

Considerações Incertas. Ensaios sobre linguagem, literatura e pintura. Campo das Letras, Porto, 2008.

fvasconc@letras.up.pt

Maria João Pires

Associate Professor of English Literature

Department of Anglo-American Studies

FLUP University of Porto

Professora Associada de Literatura Inglesa

Departamento de Estudos Anglo-Americanos

FLUP Universidade do Porto

mariajpires@netcabo.pt

Abbye Meyer

Univ. Connecticut, USA

Ana Teresa Magalhães

FLUP, Portugal

Nasceu no Porto em 1983. Licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Anglo-Americanos pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a mesma onde se encontra a frequentar o Mestrado em Estudos Anglo-Americanos, variante de Tradução Literária. As suas áreas de interesse são a Literatura, a Musica, os Estudos da Tradução, o Cinema e o Teatro.

Cláudia Morais

FLUP, Portugal

Nasceu no Porto, em 1986. Licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas – variante de Estudos Anglo-Americanos na Faculdade de Letras da Universidade Porto.
Actualmente frequenta o Mestrado de Estudos Anglo-Americanos, variante tradução literária na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
Os seus principais interesses são: literatura, música, cinema e desporto.

Short film / Curta metragem

Vasconcelos, Francisco Carinhas

Aluno do 9º ano – Colégio Nossa Senhora do Rosário

Vasconcelos, Pedro Carinhas

Aluno do 9º ano – Colégio Nossa Senhora do Rosário

Essays & texts / Ensaios & textos

Ellison, Maria

Maria Ellison has been a lecturer at Faculdade de Letras, Universidade do Porto since 1998.

She currently teaches English didactics, coordinates seminars and supervises student-teachers of English language in the compulsory cycles of education.

In 2008 she was awarded the European Language Label Award for the project S.T.E.P.S - UP (Support for Teaching English in Primary Schools - Universidade do Porto) of which she was pedagogic coordinator.

She holds an MA in TESOL from the University of Manchester and is currently involved in doctoral studies in the area of Content and Language Integrated Learning (CLIL) at Faculdade de Letras, Universidade do Porto.

Malato Borralho, Maria Luisa

Professora Associada da Faculdade de Letras – Universidade do Porto (Departamento de Estudos Portugueses e Românicos – DEPER).

Stories for Children / Contos para Crianças

Leite, Isabel Pereira

Nasceu no Porto, em 1958.

Estudou História na FLUP e fez uma "incursão" na FLUC, a qual lhe permitiu voltar à Casa-Mãe, onde ainda hoje trabalha como assessora principal das bibliotecas e documentação, nome pomposo que é usado para designar os outrora ditos bibliotecários.

De vez em quando publica uns textos.

É principalmente mãe e "gestora do lar".

Faz colares e cola cacos de objectos partidos, ao som de música antiga. Acima de tudo gosta muito de ler e de conversar. Está convencida de que o Paraíso deverá ser um sítio onde, finalmente, se terá tempo para ler tudo aquilo que se gostaria de ter lido, mesmo os livros cuja existência nem sequer se suspeitava…

Tem o privilégio de trabalhar num lugar onde lhe agrada chegar todos os dias.

Acredita que a vida é um dom e tenta vivê-la de consciência tranquila, o que nem sempre é fácil.

Acredita, também, que a sua principal riqueza são os outros e que quase tudo devemos a quem por cá passou antes de nós.

Por uma questão de comodismo, adoptou um lema de vida que tem passado, na sua família, de geração em geração: "Não me importo que façam de mim parva, desde que saibam que eu sei e estou a deixar…, mas atenção, pois há limites."

ileite@letras.up.pt

Oliveira, Carlos F.

Carlos F. Oliveira é astrónomo e educador científico.

Licenciatura em Gestão de Empresas.

Licenciatura em Astronomia, Ficção Científica e Comunicação Científica.

Estudante de doutoramento em Educação Científica com especialização em

Astrobiologia, na Universidade do Texas em Austin nos EUA.

Trabalhou no Maryland Science Center, nos EUA, no Astronomy Outreach Project da Universidade de Glamorgan no Reino Unido, e recebeu dois prémios da European Space Agency (ESA) – Agência Espacial Europeia.

Tem vários artigos científicos publicados em diferentes "journals" da especialidade.

Realizou várias entrevistas na comunicação social Portuguesa, Britânica e Americana, e fez inúmeras palestras e actividades nos três países citados.

Criou e lecciona um inovador curso de Astrobiologia na Universidade do Texas, EUA.

http://astropt.org/blog/

Vasconcelos, Filomena

Associate Professor of English Literature

Department of Anglo-American Studies

FLUP University of Porto

fvasconc@letras.up.pt

Sara Bessa Monteiro de Vasconcelos

Nasceu no Porto, a 20 de Março de 2002.

Frequenta o 3º ano da Escola EB1de S. Miguel de Nevogilde.
Gosta muito de ler, de escrever e de ver filmes.

Também gosta mesmo muito de nadar e de andar de bicicleta.

Illustrations / Ilustrações

Oliveira, Evelina

Artista plástica, nasceu em Abrantes em 1961, vive e trabalha no Porto e em Lisboa.

Iniciou o seu percurso artístico como pintora com um trabalho de reflexão sobre a condição humana, os padrões da natureza e analogia entre as diversas formas e estruturas dos seres vivos.

É a partir de 2003 que começa a dedicar parte do seu trabalho á ilustração infantil, tendo mais de 15 livros editados com as suas ilustrações.

CV (Abreviado)

Exposições Individuais

2009."*Narrativas, figurações e muitas histórias por inventar*" – Biblioteca Municipal de Oeiras

2008."*O cão triangular e muitas outras histórias*" – Biblioteca Municipal de Oeiras e de Carnaxide

. ."IMAGINARY FRIENDS" – Galeria São Mamede Lisboa

. "Abril"-Exposição de ilustração no âmbito das comemorações do 25 de Abril -Círculo das Letras -Lisboa

."AS IMAGENS DAS PALAVRAS E AS PALAVRAS DAS IMAGENS"- Fórum Cultural José Manuel

Figueiredo -Baixa da Banheira

."IMAGENS PARA 1001 HISTÓRIAS"-Galeria do Palácio Ribamar – Algés

."DIMENSÕES DA MEMÓRIA"-Serpente galeria –Porto

2007."*Histórias aos Quadradinhos*"Serpente Galeria de Arte Contemporânea Porto

"THE GOOD GIRL'S STORIES"- Galeria Quadrado -St. Maria da Feira

. Exposição de originais do livro;"*Zé do Saco, o contrabandista*" de Manuel Jorge Marmelo, Ed. Campo das

Letras – Museu dos Transportes e Comunicações – Porto

. ILUSTRAÇÃO – Sub-verso Galeria de arte contemporânea – Espinho

2006."INNER-INTER-PLAYS" – Serpente Galeria de arte Contemporânea – Porto

. "INNER-INTER-PLAYS" – OM Galeria arte contemporânea -Penafiel

."NEVER WRITTEN STORIES" – Galeria Municipal do Montijo – Montijo
."*The good girl's stories*"" – ILUSTRAÇÃO – Serpente galeria de arte Contemporânea – Porto

Exposições Colectivas

2009*."S. João*"- Exposição de comemoração dos 50 anos do Hospital de S.João no Porto- Árvore Cooperativa de
Actividades Artísticas ,Porto
. ART MADRID
2008.*1001Voltas no carrossel*"- ilustração - Centro de Artes de S.João da Madeira
. XXVIII Certamen de Minicuadros – Museu del Calzado – Centro Cultural de ELDA – Espanha
."ARTE pela CIDADE"- Exposição comemorativa dos 20 anos da AMI- arte na cidade do Porto.
. VII Bienal Internacional de Artes Plásticas da Marinha Grande
. I Bienal Internacional do Montijo
.1º Encontro Nacional de Ilustração no Feminino – S.João da Madeira
.ARTE LISBOA
.Galeria Beaskoa - Barcelona , Espanha
2007. ARTE LISBOA
" *Miguel Torga – Retratos e Paisagens*"-Exposição itinerante organizada pela Árvore Coop. de actividades
Artísticas.
.Premio Afonso Madureira
."*A arte no direito e o direito na arte*"-Museu Municipal de Lamego
. Feira Internacional Do Livro -Frankfurt – Alemanha – Representação de Portugal pela Editora Campo das
Letras com o livro:"Zé do saco o contrabandista" de Jorge Manuel Marmelo
2006.Prémio de Pintura Eixo Atlântico
. ARTE LISBOA
."*O Porto*" – exposição temática – Galeria São Mamede – Porta
."*Escolher um sentido*"- organização Espaço T (instalação) -Porto
. 4ª Mostra de ilustradores do livro para a infância e juventude-76ª feira do livro do Porto

Ilustração

2006."*Chocolate à chuva*", Alice Vieira, Editorial Caminho (CAPA)
2006." *O Catitinha*", Manuela Ribeiro, Editora Campo das Letras
2006."*Zé do saco, o contrabandista*", Manuel Jorge Marmelo, Editora Campo das Letras (apoio da Fundação
Calouste Gulbenkian e Museu dos Transportes e Comunicações do Porto)
2007." *A ninfa do Atlântico a História da cidade de Lisboa*", Maria José Meireles, Ed. Campo das Letras
2007."*Zeca Afonso, o andarilho da voz de ouro*", José Jorge Letria, Editora Campo das Letras
2007."*As receitas dos nossos amigos e outros*", Vários autores, edição da árvore Cooperativa de Act. Artísticas
2008."2008 *Voltas no carrossel*"- Eugénio Roda, edições Eterogémeas
2008."*A coragem do General sem medo*", José Jorge Letria, Editora Campo das Letras
2008."Uma história de cão", Nuno Júdice, revista digital EFABUL@TIONS
2008."*O cão triangular*", Evelina Oliveira e Maria Leonor Barbosa Soares, Editora Campo das Letras
2008."*Considerações incertas*", Filomena Vasconcelos, Editora Campo das Letras (Capa)

Prémios

Menção Honrosa -!º prémio de pintura de pequeno formato , Alhos Vedros, 2003
1º Prémio – Prémio Afonso Madeira -III Bienal de artes plásticas da Moita, 2007
Prémio Revelação – III Bienal de artes plásticas da Moita, 2007

Photos / Fotografia

Sousa, Rogério

Rogério Sousa é Professor Auxiliar do Instituto Universitário de Ciências da Saúde. Colabora com a Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde lecciona diversos cursos de temática egiptológica. É doutorado em História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. A sua investigação dedicada à «Simbólica do Coração no Antigo Egipto». Publica, com regularidade, os resultados das suas

pesquisas em prestigiados periódicos nacionais e estrangeiros da especialidade, como a revista Cadmo (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), a revista História (Faculdade de Letras da Universidade do Porto), o Journal of the American Research Center in Egypt (San Antonio, Cairo), o Göttinger Miszellen (Göttingen), entre muitos outros. Integra, como investigador, o grupo de trabalho do CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA (CITCEM) da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.